

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Juliana Oliveira Mauch

**A CIRCULAÇÃO DA DROGA NA LINGUAGEM:**  
Análise do tema em diversos textos sob a perspectiva discursiva

Porto Alegre  
2010

Juliana Oliveira Mauch

**A CIRCULAÇÃO DA DROGA NA LINGUAGEM:**

Análise do tema em diversos textos sob a perspectiva discursiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciado em Letras na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Cristina Leandro Ferreira.

Porto Alegre

2010

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Maria Cristina, por aceitar me orientar e pela dedicação a este trabalho.

Agradeço à minha mãe, pelo apoio incondicional e pelo incentivo;

E também a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram e me inspiraram na elaboração deste estudo.

*A língua vai onde dói o dente.*

Lênin

## RESUMO

Circula em nossa sociedade uma quantidade tão grande das mais diversas drogas que a relação de cada sujeito e da própria sociedade com essas substâncias se torna demasiadamente confusa. Nos meios de comunicação, nas ruas, nas escolas e nas universidades podemos interceptar os mais variados discursos sobre essa questão. Na presente monografia, analisamos esses discursos sobre drogas sabendo que são veiculadores de saber e de poder. Nosso objetivo geral foi analisar a formação discursiva dos sujeitos produtores dos recortes textuais selecionados, analisar as pressões ideológicas que incidem sobre a linguagem e também os valores cristalizados na sociedade sobre a questão das drogas. Realizamos a análise de três textos distintos na forma, na distribuição e nos sentidos, tendo por base a Análise do Discurso. Os conceitos teóricos de discurso, ideologia, condições de produção, sujeito, entre outros, são essenciais para a construção deste estudo. Ao final, entendemos que os discursos que se aliam à ideologia dominante abordam a questão das drogas sob juízos morais em detrimento de uma visão mais abrangente.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Drogas; Ideologia; Sujeito.

## **ABSTRACT**

In our society, it circulates such a great amount of various drugs that the relationship of each individual and the society itself with these substances becomes too confusing. In the media, on the streets, in schools and universities we can intercept a wide variety of discourses on this issue. In this monograph, we analyze these discourses about drugs knowing that they transmit knowledge and power. Our general objective was to analyze the discourse formation of the individual producers of the selected excerpts, to analyze the ideological pressures that bear upon the language and also the stagnated values from society about the drug issue. We performed the analysis of three texts different in shape, distribution and meaning, based on the Discourse Analysis. The theoretical concepts of discourse, ideology, production conditions, subject, among others, are essential for the construction of this study. In the end, we find that the discourses aligned to the dominant ideology approach the drug issue under moral judgments, with detriment to a broader comprehension.

**Keywords:** Discourse Analysis; Drugs; Ideology; Subject.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	8
<b>1 A DISCURSIVIZAÇÃO DAS DROGAS</b>	12
1.1 A SELEÇÃO DOS FRAGMENTOS DISCURSIVOS	12
1.1.1 Cartilha: <i>Drogas: sua liberdade por um fio</i>	13
1.1.2 Reportagem: <i>Mães pretendiam vender filhos em troca de crack</i>	14
1.1.3 Artigo: <i>De qual cura falamos? Relendo conceitos</i>	14
1.2 SOBRE A QUESTÃO DAS DROGAS	15
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: um olhar discursivo sobre as drogas</b>	19
2.1 SITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO	19
2.1.1 Ideologia	21
2.1.2 Discurso	22
2.1.3 Interdiscurso	23
2.1.4 Formação Ideológica e Formação Discursiva	23
2.1.5 Condições de Produção	24
2.1.6 Sujeito	25
<b>3 ANÁLISE</b>	28
<b>EFEITO DE CONCLUSÃO</b>	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	46
<b>ANEXOS</b>	49

## APRESENTAÇÃO

Dentro da sociedade pós-moderna, a tendência da complexidade social torna-se cada dia mais evidente, mergulhando os agentes sociais no emaranhado confuso das relações humanas. Nesse contexto, o uso de drogas se mostra cada vez maior, assustando famílias e autoridades. Por trás dessas tendências se escondem ou se camuflam as práticas de poder e seus discursos, que através da manipulação da opinião pública, visam à manutenção da ordem social.

Apesar de ser um tema recorrente nos dias de hoje, o uso de drogas não é um fenômeno moderno. Foi o uso exaustivo do discurso de combate às drogas que me instigou a olhar mais atentamente para os textos que circulam na sociedade com essa temática. Sendo assim, o trabalho que se apresenta aqui surgiu da necessidade de compreender como funcionam os discursos que veiculam saberes a respeito do que chamaremos de “questão das drogas”. Isto é, queremos entender como os textos que fazem referência às drogas constroem os seus efeitos de sentido.

Existem inúmeros discursos que tratam das drogas e que chegam aos cidadãos todos os dias de diversas formas. Contudo as pessoas não deixam de usá-las. Sendo assim, acredito que seja relevante analisar os textos onde encontramos esses discursos para determinar as regularidades definidas pela relação dos mesmos com a ideologia. Também consideramos relevante analisar em que medida os textos tentam passar uma idéia de neutralidade e induzir o leitor ao comportamento “correto”.

Nossa perspectiva teórica é a Análise do Discurso, pois consideramos ser o instrumento adequado à investigação proposta, de examinar a ligação entre a linguagem e a ideologia, com base no reconhecimento da dimensão sócio-histórica da língua, não sendo possível, assim, dissociá-la das práticas humanas.

O nosso corpus de análise é constituído por três textos escritos que são diferentes no que diz respeito às formas, às condições de produção e à



circulação na sociedade, bem como em outros aspectos que veremos ao longo do trabalho. Esses textos são: a cartilha preventiva *Drogas: sua Liberdade por um Fio*, publicada pelo laboratório Aché; a matéria jornalística *Mães pretendiam vender filhos em troca de crack*, publicada no site da campanha *Crack, nem pensar*, do grupo RBS, e no jornal O Pioneiro pelo jornalista Adriano Duarte; e o artigo científico *De qual cura falamos? Relendo conceitos*, publicado na revista APPOA pela psicanalista Sandra Djambolakdjian Torossian

Pretendemos neste trabalho analisar os elementos que compõem as formações discursivas, as coerções ideológicas que incidem sobre a linguagem e os valores cristalizados na sociedade acerca do tema. Interessa-me, principalmente, ver de que forma tipos diferentes de textos lidam com a não-neutralidade dos discursos.

Tendo em vista que o trabalho do analista é mostrar a opacidade da língua sem esquecer que ela tem uma constituição histórica e social, não sendo possível dissociá-la de todas as práticas do cotidiano, colocamos na base da investigação algumas perguntas como: Quais elementos são usados para dirigir a opinião pública? Quais vozes são valorizadas e quais são silenciadas? Que relações de poder estão em jogo? Quais as diferenças constitutivas dos diferentes tipos de texto com relação à apropriação do discurso?

Obviamente foi difícil empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos didáticos, jornalísticos, éticos, religiosos, médicos, literários, jurídicos, entre outros, nos quais se trata do fenômeno do uso de drogas, nos quais o temos representado, nomeado, descrito e julgado. Sabemos que todos esses discursos são muito importantes na formação do saber de cada sujeito e da sociedade como um todo. Contudo, seria impossível abarcar todos eles apenas neste trabalho.

Estamos longe de ter conseguido constituir um discurso unitário da questão das drogas, nosso trabalho não se desenvolveu por esse caminho, acreditamos, inclusive, que o assunto drogas jamais irá chegar a um discurso único, porque nossa sociedade não caminha nessa direção e porque cada discurso carrega em si uma heterogeneidade que lhe é inerente.

Veremos que as interdições dos sujeitos nos discursos não acontecem da mesma forma e não funcionam do mesmo modo no discurso didático, no

jornalístico e no da psicologia. Veremos que as diferentes regularidades não reforçam, não excluem ou não deslocam os discursos do mesmo jeito.

É importante esclarecer que o universo discursivo<sup>1</sup> das drogas não é o nosso objeto de análise. Queremos sim analisar um conjunto de formações discursivas que concorrem dentro desse universo, através dos recortes realizados nos campos discursivos.

Qualquer discurso que enfoque questões sociais, principalmente as que são consideradas tabus, pode transformar e manipular as representações coletivas com a finalidade de manter certas estruturas de poder. Também pode alterá-las com o intuito de superar essas mesmas estruturas. Os enunciados produzidos assim irão se definir pelos sentidos ideológicos que movimentam nas opiniões diferentes sobre questões de interesse social.

A partir disso, constituímos nossa monografia.

No primeiro capítulo, apresentamos a seleção do corpus que constitui nosso material de análise e também fazemos um breve apanhado histórico-antropológico do contexto das drogas.

No capítulo seguinte procuramos trabalhar com conceitos importantes na Análise do Discurso e que embasam teoricamente nossa análise. Os construtos teóricos de discurso, interdiscurso, formação discursiva, condições de produção e sujeito são centrais na análise das seqüências discursivas extraídas do corpus.

No terceiro capítulo do trabalho, temos a análise propriamente dita. Aqui selecionamos algumas seqüências discursivas representativas de todo o corpus e as analisamos de acordo com os pressupostos teóricos do primeiro capítulo e conforme nos foram surgindo novas questões e desassossegos.

A última parte é a que chamamos de “Efeito de Conclusão”, por sabermos que nosso texto (como todos os outros) é atravessado pela dispersão, pela incompletude e pela provisoriedade. Com um tema tão abrangente, podemos produzir apenas um efeito de unidade e, por isso, o fechamento do nosso trabalho é da ordem do simbólico.

---

<sup>1</sup> Maingueneau (2000) distingue *Universo Discursivo*, *Campo Discursivo* e *Espaços Discursivos*. O Universo Discursivo seria amplo demais, servindo apenas para definir o horizonte a partir do qual serão construídos os domínios suscetíveis à análise, os Campos Discursivos.

Partindo da premissa da Análise do Discurso de que a linguagem não é transparente, nossa escrita se deu no que Eni Orlandi chama de “limites da interpretação”. Isto é, tentamos flagrar a constituição do gesto de interpretação em sua materialidade, no texto, no momento em que os sentidos se movimentam. Entendemos que nem tudo pôde ser descrito e analisado e que nossa escrita jamais poderá ser completamente imparcial.

Agora, convidamos o leitor a caminhar conosco através dessa “cortina de fumaça” que envolve o funcionamento dos mecanismos dos sentidos construídos ideologicamente nos discursos dos textos aqui presentes.

## 1 A DISCURSIVIZAÇÃO DAS DROGAS

No momento em que o uso de drogas se torna uma preocupação, a sociedade passa a produzir discursos sobre esse fenômeno e, principalmente, sobre as substâncias em si, fazendo com que elas se tornem da ordem discursiva. Com isso queremos dizer que não analisaremos a materialidade das drogas, mas a sua representação dentro do discurso. Os dizeres desses discursos sempre estarão marcados ideologicamente e vão depender de uma posição do sujeito frente a questão. Neste primeiro capítulo vamos situar o material objeto de análise e também discorrer sobre o contexto sócio-histórico em que se insere. Começaremos com o motivo de escolha e com a descrição desse material. Em seguida traçaremos um breve histórico da relação que o homem estabeleceu com as drogas ao longo do tempo.

### 1.1 A SELEÇÃO DOS FRAGMENTOS DISCURSIVOS

O corpus é constituído de material escrito: cartilhas, reportagens e artigos, que veiculam discursos sobre o fenômeno em análise, o uso de drogas. Esse corpus foi retirado de revistas/jornais impressos e eletrônicos, blogs e sites oficiais.

É importante deixar claro que não abarcamos todos os discursos veiculados sobre o uso de drogas, por ser uma tarefa impossível, se considerarmos a amplitude do tema. Contudo fizemos uma grande pesquisa a fim de um maior conhecimento para uma melhor qualidade da análise.

Ressaltamos que os fragmentos escolhidos para a análise são apenas uma pequena parte, porém a que consideramos mais relevante, de todo o material recolhido. Os textos deixados de lado não apresentam marcas tão significativas ou são muito parecidos com os outros que serão aqui apresentados. Fizemos a seleção do material recolhido, a fim de expor mostras significativas sobre as diferentes formas de falar sobre o uso de drogas. Essa discursivização reúne diferentes discursos, diferentes formas de falar sobre o

mesmo assunto, de acordo com as diferentes posições-sujeito e as diferentes formações discursivas nas quais os sujeitos produtores desses discursos estão inseridos.

Escolhemos três textos, de onde retiramos os fragmentos discursivos, de tipologias diversas para podermos analisar de que forma se constrói a discursivização de um fato social nessas materialidades distintas. Abaixo fazemos uma breve apresentação dos textos:

### 1.1.1 Cartilha: *Drogas: sua liberdade por um fio*<sup>2</sup>

Toda cartilha tem por objetivo transmitir um saber rudimentar a respeito de algo. A que está presente nesta análise faz isso com relação ao assunto drogas. É dividida em capítulos, sendo os primeiros um apanhado geral sobre o assunto e os últimos específicos sobre álcool, tabaco, anfetaminas, ecstasy, cocaína e maconha. Somente os primeiros capítulos foram analisados neste trabalho, pois precisaríamos de muito mais tempo e espaço para falar de cada droga individualmente (já que são muitas e os discursos a respeito de cada uma são diferentes). Também deixamos de lado a análise das imagens utilizadas nessa cartilha, apesar de serem altamente significativas e comporem o discurso do texto. Esse material faz parte da Coleção Aché de Educação para a Saúde. Aché é um laboratório farmacológico que possui uma série de publicações sobre saúde.

Esse texto possui um layout e uma linguagem muito próximas ao que vemos hoje nos livros didáticos. Podemos notar que a cartilha é dirigida especialmente para adolescentes através do enunciado “Não deixe que a doença das drogas estrague a sua juventude” (pág. 30).

---

<sup>2</sup> ACHÉ, Laboratórios Farmaceuticos S. A. (realização) *Drogas: sua liberdade por um fio*. São Paulo, 2009, 2ª Ed.

### 1.1.2 Reportagem: *Mães pretendiam vender filhos em troca de crack*<sup>3</sup>

Essa reportagem foi originalmente publicada no jornal Pioneiro, de Caxias do Sul. Depois foi publicada na parte de notícias do site da campanha *Crack, nem pensar*, do grupo RBS e foi de onde a retiramos. Esse site serve para passar informações e notícias unicamente a respeito de crack e a reportagem da qual falamos foi à rede em 14 de agosto de 2010. Por ser uma polêmica atual e por essa campanha ter uma grande mídia por trás é que decidimos pousar um olhar mais atento sobre essa matéria, mesmo ela não falando sobre drogas em geral. Acreditamos que o discurso jornalístico sobre entorpecentes está bem representado por esse texto, pois lemos muitas matérias que fornecem esse mesmo tipo de notícia, mesmo que a droga em questão não seja o crack.

O acontecimento em pauta é uma denuncia de que prostitutas gestantes que trabalhavam à beira de uma rodovia e em casas de prostituição da região, em Farroupilha, pretendiam vender os seus filhos quando nascessem por mil reais. Apesar de o título dizer que a venda era por crack, ficamos sabendo ao longo da matéria que a situação era facilitada pelo fato das gestantes serem dependentes da droga e provavelmente usariam o dinheiro para comprá-la. A reportagem também fala sobre o estado de saúde das crianças recém-nascidas, da guarda e do futuro delas.

### 1.1.3 Artigo: *De qual cura falamos? Relendo conceitos*<sup>4</sup>

Esse artigo científico, que foi publicado por uma psicanalista na revista da APPOA, nº 26, constitui um material diferenciado dentro do corpus por ter um

---

<sup>3</sup> DUARTE, A. *Mães pretendiam vender filhos em troca de crack*. Clic RBS. 2010, agosto, 14: Crack, nem pensar – notícias.

<sup>4</sup> TOROSSIAN, S. “De qual cura falamos? Relendo conceitos”. In: APPOA. Revista - *Tóxicos e Manias*. Nº 26. Porto Alegre: APPOA, 2004.

sujeito-autor<sup>5</sup> bem marcado (ao contrário da cartilha e da reportagem que não possuem a autoria tão explícita), e por dialogar nitidamente com outros discursos, desestruturando-os. Nesse texto, a autora põe em xeque o senso-comum a respeito do tratamento psicanalítico para toxicomaníacos e propõe uma cura que não significa abstinência ou não-abstinência, mas a escuta do desejo inconsciente.

A autora também abre espaço para dois relatos de sujeitos que estão em processo de mudança das suas relações com as drogas. Analisando os dizeres desses sujeitos, é deslocado o foco discursivo nas drogas.

Sendo assim temos no nosso corpus de análise um material de estilo didático, publicado por um laboratório de fármacos, a cartilha preventiva; uma reportagem que representa de certa forma a presença da droga nas classes menos favorecidas da sociedade; e temos um artigo publicado em uma revista de psicanálise que dialoga com a análise do discurso no que diz respeito à forma de ver os discursos que circulam na sociedade.

## 1.2 SOBRE A QUESTÃO DAS DROGAS

O recente aumento da frequência com que somos interpelados pelos discursos acerca da temática da drogadição pode até nos criar a sensação de que se trata de um fenômeno social atual. Contudo a história das drogas é tão antiga que se confunde com a própria história da humanidade.

Cada povo e cada cultura tem a sua tradição no consumo de drogas. Algumas vezes elas são buscadas para cura de males físicos e psicológicos, outras vezes as drogas são usadas como alimento. Contudo, o que mais se vê na sociedade de hoje é que as pessoas vêm buscando as drogas para incentivar sonhos ou alcançar um estado transcendente, buscar a paz ou a excitação, ou então simplesmente para se abstrair do mundo que as cerca.

Boa parte das drogas alucinógenas são provenientes de plantas ou fungos. Contudo essas plantas já haviam sido descobertas, em sua grande

---

<sup>5</sup> Autor é entendido aqui não como o indivíduo falante que escreveu o texto, mas como princípio de agrupamento do discurso.

maioria, por culturas ancestrais, que ao descobrirem os efeitos mentais das mesmas passaram a considerá-las como plantas divinas. Isso porque faziam com que quem as ingerisse recebesse mensagens dos deuses, pois elevavam o homem a uma dimensão não material, através das alucinações. Dessa maneira, os povos e culturas muito antigas acreditavam estar em contato com forças da natureza e divindades quando usavam essas plantas em seus rituais.

Assim podemos ver que o uso de drogas está visceralmente ligado à religião. Também está ligado às artes, ao trabalho e ao lazer. Até hoje, em sociedades autóctones nativas de vários países, o uso de plantas alucinógenas tem este significado religioso. No entanto sabemos que o maior consumo de drogas se dá fora desse contexto ritualístico, com apenas finalidade recreativa.

Vemos em Mendes Ribeiro<sup>6</sup>, que enquanto as drogas tradicionais permitiam uma evasão em uma irrealidade, certas drogas contemporâneas nos fazem afrontar a realidade. Isso porque a nossa sociedade foi se tornando cada vez mais competitiva e seletiva, criando uma cultura de ansiedade, onde as pessoas passaram a procurar as drogas, não mais para obter um efeito sedativo, mas sim um efeito estimulante, capaz de ajudá-las a produzir melhor. Neste sentido, a tendência observada seria não a de buscar prazer ou diversão, mas o alívio das responsabilidades, quando estas se tornam muito pesadas.

Muitas são as razões que podem levar um sujeito ao uso de drogas que são proibidas de circular na sociedade. Não cabe a nós, aqui, tentar elencar essas motivações, sejam pessoais ou coletivas. Já as drogas lícitas podem ser usadas por recomendação médica, por desconhecimento ou por incentivo mercadológico.

As drogas alucinógenas tiveram o seu uso popularizado a partir das décadas de 60 e 70, com o movimento hippie. Este fenômeno sócio-cultural surgiu como uma contestação aos valores individualistas e competitivos que estavam incorporados ao modo de vida das sociedades industriais. Essa contracultura deu às drogas o status de experiência libertária. Mas a verdade é que seja por razões existenciais, religiosas, de mercado ou de poder, a humanidade nunca deixou de conviver com as drogas.

---

<sup>6</sup> RIBEIRO, E. M. "Entre tóxicos e manias". In: APPOA. Revista - *Tóxicos e Manias*. Nº 26. Porto Alegre: APPOA, 2004.



Podemos nos perguntar quais são os critérios para a classificação das drogas em legais ou ilegais, medicinais ou nocivas. Essa reflexão certamente nos levará a concluir que esses critérios são culturais. Obviamente, na sociedade capitalista, com suas relações de trabalho e consumo, somente o uso das drogas farmacêuticas e das estimulantes, que são as vezes consideradas alimento, como o café e o chocolate, são induzidas ao consumo, por fazerem parte de um sistema industrial.

Nos últimos anos o Brasil tem visto o crescente avanço do ecstasy, a droga das festas dos jovens de classe média e alta, e do crack, a pedra dos meninos de rua dos centros urbanos. Acontece que o crack além de substituir os solventes inalantes utilizados pelos moradores de rua, começou a ser usado por pessoas de classes sociais mais altas, causando um grande temor na burguesia brasileira.

Nessa conjuntura nasceu a campanha *Crack, nem pensar*, do grupo RBS. Em 2008 uma série de reportagens feitas pelo jornal *Zero Hora* mostrava como o crack estava atingindo o Rio Grande do Sul. A droga havia deixado as periferias e tomado conta da elite gaúcha. Não restam dúvidas, para quem conhece um sujeito que está envolvido em uma relação com o crack, de que a droga é uma das mais viciantes e perigosas que existem. Contudo o enunciado/slogan da campanha e o contexto em que ela se deu nos fazem refletir sobre o modo que o discurso inerente a ela funciona.

Vemos que a maioria dos discursos a respeito de todas essas substâncias que temos hoje em dia usam a palavra droga para significar as drogas que estão excluídas da lei e silenciam a respeito do uso e abuso das drogas lícitas, principalmente os fármacos. É importante esclarecer que as drogas de que falam os discursos que serão analisados aqui são justamente os entorpecentes.

Segundo o OBID<sup>7</sup>, o termo droga tem sua origem na palavra *drogg*, proveniente do holandês antigo e que significa *folha seca*. Essa denominação parte do fato de que antigamente quase todos os medicamentos utilizavam vegetais em sua composição. Todavia, atualmente, de acordo com a definição da Organização Mundial de Saúde, o termo droga abrange qualquer substância

---

<sup>7</sup> Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas ([www.obid.senad.gov.br](http://www.obid.senad.gov.br))

não produzida pelo organismo que tem a capacidade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas produzindo alterações em seu funcionamento

Muitos são os tipos de drogas a que estamos expostos na sociedade e muitos são os discursos que as representam na teia social. Sabemos que somente determinadas modalidades de uso de drogas tendem a produzir um estado de dependência. A polêmica ao redor disso se dá através dos discursos elaborados por sujeitos que falam a partir de um lugar marcado sócio-historicamente pela ideologia.

Faremos a análise do material selecionado partindo do entendimento de que o uso de entorpecentes é constitutivo da sociedade e faz parte da cultura humana; perguntando como os discursos que chegam a nós podem ser diferentes entre si, sabendo que essa diferença de abordagem só pode ser de ordem política e ideológica. Como a ideologia tem esse papel tão importante na constituição dos saberes sobre as drogas, ela não poderia deixar de ser enfocada em uma análise da materialidade linguística. Daí nasce a pertinência de pensar a questão das drogas sob o enfoque da Análise do Discurso, pois é a partir dos discursos que se pode observar a relação entre língua e ideologia.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: um olhar discursivo sobre as drogas

Neste capítulo nos propomos a explicitar os conceitos que serão mobilizados durante a análise, a partir do modo como a Análise de Discurso de linha francesa os compreende. Começaremos situando essa perspectiva teórica para depois trabalharmos com alguns conceitos essenciais no nosso trabalho.

### 2.1 SITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Para analisar os textos que constituem nosso corpus discursivo foi preciso uma perspectiva teórica que tivesse as ferramentas necessárias para tratar de um assunto polêmico e sempre atual que é o uso de drogas.

Foi necessária uma teoria que trabalhasse com os sentidos não na literalidade do texto, mas que abarcasse toda a ideologia, briga de poderes e concepções culturais dos sujeitos envolvidos nesses discursos. Isto é, foi preciso uma teoria que desse conta da inserção sócio-histórica-ideológica dos textos em análise.

Por esses motivos a teoria escolhida foi a Análise do Discurso (doravante AD). Escolhemos a perspectiva discursiva por ser nosso objetivo perceber o funcionamento e as particularidades entre os diferentes discursos. Além disso, entendemos que a AD é um lugar privilegiado de produção, por tomar a língua como opaca e aberta à multiplicidade de sentido.

Nesse quadro teórico a concepção de língua é como lugar de deslocamentos, contradições e transgressões. Ela é pensada em termos de uma estrutura não-estabilizada, um sistema atravessado por falhas.

Analisar um texto sob a perspectiva discursiva implica considerar a linguagem como o elo necessário entre o homem e a realidade social. Implica saber que o discurso de um sujeito, num dado momento, está impregnado de valores, de crenças e de uma visão de mundo, refletindo a história e a ideologia. Sendo assim, a AD não poderia deixar de ser nosso instrumento para analisar a

relação entre a linguagem utilizada em três diferentes tipos de textos e a ideologia neles subjacente, dentro da temática do consumo de drogas.

A AD é um campo que se desenvolveu na França, especialmente a partir das contribuições filosóficas e lingüísticas dos anos 1960-1970, em estreita colaboração com historiadores. É comumente tido como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux. Contudo, o lingüista americano Z. S. Harris, já em 1952, assim descrevia a AD:

A análise do discurso dá uma multiplicidade de ensinamentos sobre a estrutura de um texto ou de um tipo de texto, ou sobre o papel de cada elemento nessa estrutura. (...) A AD nos ensina, além disso, como um discurso pode ser construído para satisfazer diversas especificações.<sup>8</sup>

Vemos nesse recorte que a AD já se baseava essencialmente no seio das ciências da linguagem. Contudo, desde sua constituição, a pluridisciplinaridade se faz presente, aliando-se principalmente com a sociologia e a história. Segundo Leandro Ferreira (2000, p.27): “O espaço da AD é incerto, duramente marcado pelas desventuras do campo político-histórico no qual a língua e a história se encontram ligadas.”. Podemos dizer que esse espaço é incerto, oscilante, mas jamais que é um espaço vago, indistinto.

Assim os princípios teóricos que se estabelecem na AD não se alojam em regiões do conhecimento anteriormente categorizadas, mas em entremeios disciplinares. É nesse lugar que procedemos na (des)construção e compreensão intermináveis do nosso objeto: o discurso.

O discurso é entendido, segundo Michel Pêcheux, como efeito de sentido entre interlocutores. Por isso a AD nos é cara em nossa análise, uma vez que tratará dos muitos efeitos de sentidos que circulam explicita e implicitamente nos textos que recortamos e que vão produzir influência nos mais diversos setores da sociedade, desde os leitores mais despreziosos até os próprios sujeitos que estão envolvidos em uma relação de dependência com os entorpecentes.

---

<sup>8</sup> HARRIS, Z. S. “Discourse Analysis: A Sample Text”, in: *Language*, vol. 28, n. 4, 1952.

Vamos rever a seguir alguns conceitos-chave da AD que vão orientar e servir de base para nossa análise. Nós consideramos que esses conceitos foram essenciais na nossa formação como lingüistas e, principalmente, como analistas de discurso.

### 2.1.1 Ideologia

A princípio o termo ideologia era utilizado para designar uma teoria genérica das idéias. Foi utilizado pela primeira vez por Destutt de Tracy, em 1801, no livro *Eléments d'Idéologie*.

O termo ideologia não tem até hoje uma definição única, é antes uma noção confusa e controversa. É inútil tentar abarcar em poucas linhas toda a riqueza de significados que esse termo já adquiriu até agora. Entre todas as definições de ideologia, uma parece ter marcado maior presença, a marxista.

Marx confere ao termo o sentido de um sistema de idéias, de representações que dominam o espírito de uma pessoa ou de um grupo social. Na perspectiva marxista ideologia assume uma carga semântica negativa, pois significa o mascaramento da realidade. Ela representa um instrumento de dominação de classe, pois a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser idéias de todos, eliminando as contradições entre força de produção, relações sociais e consciência, resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual (Brandão, 1996, p.21).

Adotaremos neste trabalho a noção de ideologia elaborada por Althusser (1985), a partir de sua releitura do termo em Marx: “a ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Essa tese de Althusser implica não mais conceber a ideologia como uma expressão mimética da realidade, mas como a maneira pela qual os homens experimentam suas relações<sup>9</sup> com as reais condições de existência.

---

<sup>9</sup> Essa relação tem um caráter necessariamente imaginário, pois o homem cria formas simbólicas para representar sua relação com a realidade concreta.

A noção de ideologia é importante neste trabalho porque é ela que interpela os indivíduos em sujeitos para que seja possível produzir o dizer. Portanto, ela é condição básica para a constituição dos sentidos e dos sujeitos.

Pêcheux (1988) articula a noção de ideologia com inconsciente, a partir de suas características em comum, mas ressaltando, contudo, as suas diferenças. Ele diz que tanto ideologia quanto inconsciente dissimulam sua existência no próprio interior de seu funcionamento. Ao fazê-lo produzem um tecido de evidências subjetivas. É essa dissimulação que dá ao sujeito a crença na evidência de sua existência espontânea (como origem ou causa de si).

### 2.1.2 Discurso

Na AD a língua não é o objeto de investigação. Ela é, na verdade, pressuposto para analisar a materialidade do discurso. Assim o analista de discurso tem acesso aos processos discursivos através da organização da língua.

Não se pode pensar que texto e discurso são a mesma coisa. Eles se equivalem em níveis conceituais diferentes: discurso é conceito teórico e metodológico, texto é conceito analítico (Orlandi, 1987). Por isso um texto é passível de ser abordado sob outros aspectos que não o discursivo. É um estudo lingüístico das condições de produção do texto que vai fazer dele um discurso.

Em Foucault, discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala a partir de um direito reconhecido institucionalmente. O saber institucional veiculado por esse discurso passa por verdadeiro e é gerador de poder. Segundo o filósofo “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (Foucault, 2010, pág.10)

Assim o discurso não pode ser analisado apenas sob seu aspecto lingüístico, mas como jogo de estratégia, polêmica e luta.

### 2.1.3 Interdiscurso

Uma característica do discurso que não pode deixar de ser apontada e priorizada durante a análise é a sua heterogeneidade, que é o que permite a inscrição no discurso do seu “exterior”. Essa heterogeneidade pode se mostrar através de marcas explícitas ou pode estar mascarada.

Todo discurso entra em relação com outras unidades discursivas. Podemos chamar essa relação de interdiscurso.

Assim o interdiscurso consiste em um espaço de memória, do qual os diversos discursos são somente componentes. Esses discursos têm sua identidade estruturada a partir da relação interdiscursiva e não independentemente uns dos outros. Como um discurso sempre se remete a outros, suas possibilidades de significação se concretizam em um espaço de trocas, nunca enquanto uma unidade fechada.

Com relação a isso, Grioletto diz que

interdiscurso deve ser entendido como saber discursivo, memória do dizer, que é sempre mobilizado pelo sujeito na sua produção discursiva, embora de forma inconsciente. O que é dito só pode ser dito quando se insere na dimensão do repetível, do histórico, daquilo que já foi dito. (Grioletto, 1999, p. 87, nota 22)

Isso não pressupõe que o dizer nunca traga nada de novo, mas sim que o novo, os deslocamentos de sentido, ocorrem sempre em relação ao já dito.

### 2.1.4 Formação Ideológica e Formação Discursiva

Ao analisarmos a relação da ideologia com o discurso, precisamos ter em mente dois conceitos centrais em AD: o de formação ideológica (FI) e o de formação discursiva (FD).

Nas relações de produção, uma das formas na qual a instância ideológica funciona é na interpelação (ou assujeitamento) do indivíduo em sujeito

ideológico. Essa interpelação faz com que cada um ocupe seu lugar em um dos grupos em uma determinada formação social, sem ter consciência desse acontecimento.

Essa organização de posições dentro de uma sociedade é que constitui as formações ideológicas. Assim cada uma delas constitui uma rede complexa de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais.

Sendo assim, os discursos são governados por FIs. Uma FI tem, necessariamente, como um de seus componentes uma ou mais FDs interligadas. São as FDs que, em uma dada conjuntura, “determinam o que pode e o que deve ser dito” (Pêcheux, 1997). Elas regulam a referência à interpelação (assujeitamento) do indivíduo. Uma FD é heterogênea a ela própria e seus limites são porosos, inscritos em fronteiras com outras FDs.

É a FD que permite que os sujeitos produtores dos textos que serão analisados aqui possam ter opiniões diferentes, mesmo que em uma mesma conjuntura sócio-histórica, sobre os sentidos de um mesmo fenômeno. Esse conceito é importante no nosso trabalho porque as FDs à qual pertencem os sujeitos-autores dos discursos é que vão regular tudo o que será dito por eles sobre a questão das drogas, e, por consequência, irão produzir sentidos que poderão convencer os leitores de que seu conjunto de idéias é o mais correto.

#### 2.1.5 Condições de Produção

A noção de condições de produção (CP) é advinda da psicologia social e foi reelaborada por Pêcheux no campo da AD para designar além do ambiente material e institucional do discurso, as representações imaginárias dos lugares sociais que cada um ocupa no momento da interação. As CPs podem ser entendidas como a relação entre as respostas a questões como: “quem fala?”, “de qual posição fala?”, “para quem?”.

Para Orlandi (2007) as CPs podem ser consideradas em sentido estrito e em sentido mais amplo. Em sentido estrito, seriam as circunstâncias da enunciação, o contexto imediato; em sentido amplo as CPs incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. No capítulo de análise que virá a seguir, o contexto



imediatos são os suportes onde cada texto está inserido, os lugares onde circulam e os sujeitos que “assinam”. O contexto amplo é o que mais nos interessa, pois é o que traz elementos que representam nossa sociedade, o modo como organiza o poder e distribui funções e posições.

São as CPs de cada situação de enunciação são as responsáveis pelos efeitos de sentidos construídos em cada discurso, através da sua inserção em um espaço ideológico. Sendo assim, o que determina o dizer são as CPs.

Elas fazem parte da exterioridade lingüística do texto. Mesmo assim são marcas que ele possui e estão relacionadas com as representações imaginárias que se constituem naquilo que já foi dito e já foi ouvido. Dessa maneira a memória também faz parte da produção do discurso e a forma como ela aciona as CPs é determinante no processo de movimentação dos sentidos.

#### 2.1.6 Sujeito

Com base em tudo o que vimos até aqui, podemos dizer que o sujeito da AD não é aquele projetado no Iluminismo, um homem dono de si, senhor das próprias vontades, consciente de suas ações e desejos, capaz de conhecer a verdade através da razão. O sujeito da AD também não é aquele das ciências exatas, que se considera capaz de observar e analisar um fenômeno com uma distância considerada suficiente para ter um comportamento neutro e imparcial. Tampouco é o sujeito da gramática tradicional, que é classificado em simples, composto, indeterminado, etc.<sup>10</sup> É importante deixar claro que também não estamos falando aqui de indivíduos que possuem uma existência particular no mundo, de seres humanos individualizados, de falantes concretos, pois na perspectiva discursiva, o sujeito sempre deve ser apreendido em um espaço coletivo.

Ao longo dos anos 50 e 60 a pesquisa lingüística foi marcada pelo estruturalismo que tinha como uma constante a exclusão do sujeito, pois era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico. Foi

---

<sup>10</sup> O sujeito do discurso não pode ser reduzido jamais a elementos gramaticais, pois é historicamente determinado.

com as novas interrogações surgidas nas ciências humanas no final da década de 60 que o sujeito voltou à cena.

Na AD devemos compreender o sujeito como histórico, social e descentrado. Histórico por que os fatos reclamam sentidos, social por que não é indivíduo e descentrado por que é “afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam” (Orlandi, 2007, p. 20).

Com a descoberta freudiana do Inconsciente, o *eu* perde a sua centralidade. Isto é, o centro é uma ilusão, contudo é uma ilusão normal e necessária, própria da constituição do sujeito. Essa descoberta de Freud é semelhante às outras “feridas narcísicas”: a de Copérnico, ao declarar que a terra não é o centro do universo e a de Darwin, ao afirmar a ascendência animal, e não divina, do homem. Para Lacan a linguagem é a condição do inconsciente e o inconsciente é o discurso do Outro, dessa forma o sujeito seria um efeito de linguagem.

Uma vez que marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E como sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e tempo, a concepção de um sujeito histórico se articula à concepção de um sujeito ideológico. Dessa forma, como pode ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro (Brandão, 1996). Outro que envolve não só o seu destinatário, para quem regula o seu dizer, mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala.

Sendo assim, na AD o sujeito só se constrói na relação com o outro e o espaço dessa relação é o texto. Disso decorre uma concepção de linguagem que não é assentada de forma alguma na homogeneidade, na transparência, na evidência dos sentidos produzidos por um sujeito fonte do que diz, uma vez que o sujeito divide o espaço discursivo com o outro.

Podemos dizer que não existe discurso sem sujeito<sup>11</sup>, mas este perde a centralidade ao passar a integrar o funcionamento enunciativo. O quadro teórico da AD é atravessado por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica,

---

<sup>11</sup> Também podemos dizer que não existe o sujeito sem o discurso, pois é este que cria o espaço de representação para aquele.

não centrando a problemática no sujeito, mas sim nos sistemas de representação. Contudo Pêcheux não aceita uma concepção da noção de subjetividade que aparece como fonte, ponto de partida. Ele se opõe a filosofia idealista da linguagem que pensa na “evidência da existência espontânea do sujeito (como causa e origem de si)” e na “evidência do sentido” (Pêcheux, in:Brandão, 1996, p. 62), pois a constituição do sujeito e do sentido se processa através da interpelação ideológica.

Segundo Leandro Ferreira (2000, p. 40):

O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano; tampouco, não é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade lingüística e histórica que a AD lhe atribui.

Todo processo de subjetivação é falho, lacunar e assim abre brechas para resistência, já que a subjetivação é instrumentalizada pela linguagem, que como já vimos é opaca. Esse processo é a verdade que o poder cria sobre o sujeito para regulá-lo.

Em Foucault fica claro que não importa quem fala, mas de onde fala. Assim o sujeito é definido pelo espaço de representação social que ocupa. Mesmo esse lugar é uma unidade apenas abstratamente, pois na prática é atravessado pela dispersão. Um sujeito pode ocupar diferentes posições em um texto, assim como um único indivíduo pode assumir o papel de diferentes sujeitos

### 3 ANÁLISE

A palavra *droga*, por si só, representa a maneira como a língua joga com a clareza e a obscuridade das significações. Somente no dicionário *Houaiss de Língua Portuguesa* encontramos quatorze definições para esta palavra. As que consideramos mais recorrentes na sociedade são a de *entorpecente, produto alucinógeno*; e a de *ato, produto ou objeto de pouco valor*. Esses sentidos diferentes repousam sobre uma mesma base lexical, constituindo uma homonímia.

Se por um lado essa multiplicidade de sentidos está inscrita no conjunto heterogêneo de regularidades que é a língua, por outro ela não existe desvinculada do sujeito. Sendo assim, podemos pensar que existe uma *ambigüidade* na palavra *droga*, contudo, acreditamos aqui que essa heterogeneidade também se dê por *duplo sentido*. Isso porque a ambigüidade é de ordem estritamente lingüística, enquanto o duplo sentido é do domínio discursivo e evoca FDs. Em enunciados como “*que droga!*” e “*ele usa drogas*”, temos uma certa hierarquização dos sentidos, mas, ao mesmo tempo, eles estão presentes em estado latente.

Encontramos essa conjunção de significados no livro *Os Limites do Sentido* (1995), onde Guimarães faz uma pequena análise da campanha publicitária: “Drogas. Se fosse bom não teria esse nome – é melhor viver, não use drogas”. Nessa análise o autor movimentava a noção de interdiscurso explicitando-a nos recortes do texto em questão.

Em um primeiro momento temos o lingüístico-lexicológico, que se legitima de certa forma na ciência (Droga. Se fosse bom não teria esse nome.), trazendo a posição do senso comum sobre a língua de que a palavra droga (psicotrópico) deriva da palavra droga (coisa ruim, sem valor). Em um segundo momento, temos a posição moral de quem fez a campanha (é melhor viver, não use drogas), que também se legitima no senso comum sobre o valor da vida e sobre a mortalidade causada pelas drogas.

Articulando sentido e posição-sujeito, Eduardo Guimarães mostra que o sentido argumentativo do enunciado causa certa homogeneidade, que é na verdade um efeito de unidade da relação paralela entre posição do senso

comum sobre a língua, de um lado, e de outro a posição moral que se justifica a partir do mesmo senso comum. Sendo assim, a unidade de sentido desse enunciado é um efeito do modo de presença de posições de sujeito no acontecimento enunciativo.

Foi a partir dessas arguições de Guimarães que surgiu a motivação para a análise lexicológica dos textos aqui em pauta.

Faz-se necessário agora lembrar *campo semântico e lexical*, um tópico de Semântica que nos auxiliará no andamento da análise. Segundo Vanoye (1991), campo semântico é o conjunto dos conceitos, das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado. Um mesmo termo pode ter vários sentidos de acordo com o contexto em que foi abordado. Já o campo lexical é formado pelas palavras que derivam de um mesmo radical ou por palavras que pertencem à mesma área de conhecimento.

No corpus analisado o campo semântico da palavra droga não é o mesmo. Na cartilha, droga assume o significado de álcool, cocaína, maconha, LSD, ecstasy e tabaco. Na reportagem, droga é exclusivamente crack, pedra. Já no artigo de psicanálise, droga pode ser produto ou tóxico, também é denominada de maconha, cocaína e heroína.

Certamente esse conjunto de significações que pode ser assumido pela palavra droga não é ocasional, pois as condições de produção de cada um dos materiais é diferente. A cartilha tem por objetivo esclarecer quais são as drogas consideradas perigosas, por isso dá nome a elas. Na reportagem a ênfase é o famigerado crack, objeto de medo e discussão nos dias atuais. Já o artigo não pretende falar das drogas, mas dos sujeitos que estão envolvidos com as mesmas, por isso só se denomina especificamente o tipo de droga quando interessa a relação do sujeito com ela. Podemos notar que nos dois primeiros casos a direção semântica do texto está no produto químico, enquanto no terceiro está no uso que as pessoas fazem do químico.

No campo lexical, que diz respeito às palavras que pertencem à mesma área de conhecimento, os três textos parecem ser bastante próximos. Na cartilha *Drogas sua liberdade por um fio*, a palavra droga se relaciona com *medicinal, nociva, legal, ilegal, natural, artificial, doença, cura, dependência, tratamento, vício, problema, síndrome de abstinência*.

Na reportagem retirada do site da campanha *Crack, nem pensar*, a palavra droga se relaciona com *crack, vício, prostituição, negócio, pagamento, maus-tratos, abandono, internação, tratamento, conselho tutelar, delegacia, dependência, reabilitação, crise de abstinência*.

No artigo de psicanálise, publicado na revista da APPOA, *De qual cura falamos?*, a palavra droga se relaciona com *toxicomania, dependência, químico, sujeito, Outro, doença, cura, tratamento, transferência, consumo, abstinência e sintoma*.

Esses campos lexicais são os dominantes nos discursos sobre drogas que temos aqui. Apesar de parecerem semelhantes, as formas de movimentação desses campos são profundamente diversas. Na cartilha existe um direcionamento do uso de drogas enquanto doença, patologia, problema que necessita de ajuda, tratamento, isto é, cura. Enquanto isso, no artigo vemos que o campo lexical funciona no sentido de questionamento da doença e da cura. As noções que surgem com essas palavras não são iguais. Já na reportagem o que vemos é um campo lexical altamente negativo. A noção de doença está presente durante todo o texto, contudo não existe um sentido de cura para quem está vivendo a drogadição, mas sempre de decadência e miséria.

Nos textos acima podemos notar que a questão da doença e da cura no que diz respeito ao uso de psicotrópicos é uma constante, por isso apresentamos abaixo alguns recortes:

- a. O que é dependência? É uma DOENÇA. (F1 Aché<sup>12</sup>)
- b. O cheiro de cigarro está impregnado na casa (...). Sentada sobre um sofá rasgado, a jovem de 21 anos não admite ser viciada em crack. Muito magra ela tenta disfarçar a condição de dependente das pedras. (F2 RBS)
- c. (...) as toxicomanias se constroem enquanto sintoma quando o sujeito entra numa relação tóxica com as drogas. (F3 PSI)

---

<sup>12</sup> Utilizamos a denominação F1 Aché para nos referir à cartilha *Drogas, sua liberdade por um fio*; F2 RBS para a reportagem *Mães pretendiam vender os filhos em troca de crack*; e F3 PSI para o artigo de psicanálise *De qual Cura Falamos?*.

No recorte *a* temos uma pergunta com uma resposta direta. A caixa alta nas letras da palavra *doença* nos indica a força enunciativa que se quer dar à resposta, não podem restar dúvidas para o leitor de que a dependência é uma patologia. No campo lexical dessa palavra, ainda encontramos na cartilha: prejuízos, perigos, conseqüências, irritação, depressão, negação, compulsão, entre outros.

No recorte *b* temos uma narração-descrição de uma cena. O fato ocorre na casa de uma dependente de crack que pretendia vender a filha após o parto. Apesar de a palavra *doença* não aparecer explicitamente no texto, vemos nesse recorte que a condição de doença está presente. O cheiro de cigarro, o sofá rasgado, a magreza, tudo são indícios de uma atmosfera muito negativa. A condição social da moça é evidente e sua descrição é a de uma pessoa doente. Contudo, a reportagem não deixa claro que doença é essa: a doença da miséria ou a doença do vício? Podemos ver que os elementos se encaixam de forma a nos levar a enxergar a vida amarga de um usuário de crack, tendo nesse campo lexical palavras como *vício, decadência, maus-tratos e abandono*.

O recorte *c* chama de “relação tóxica” àquilo que foi chamado de doença no recorte *a* e descrito de forma obscura no recorte *b*. O uso da palavra tóxico aqui não está na droga, mas na relação do sujeito com ela. Aqui, a doença não está na droga nem no sujeito (como em *b*), mas no espaço de significação que existe entre os dois. No artigo, sujeito-autor trata a drogadição como uma posição-sujeito frente a essa situação e não como uma patologia.

Uma vez que temos essas concepções da questão da “doença”, veremos nos recortes a seguir o que os textos apresentam como um sentido de “cura”.

- a. Perceber a presença da própria doença e se responsabilizar pelo tratamento é o primeiro passo em direção à recuperação. (F1 Aché)
- b. A recuperação de um dependente químico é algo fantástico! É a vitória da vida! Mas, infelizmente, poucos conseguem... (F1 Aché)
- c. (...) Mas seu histórico extenso, que inclui passagens por casas de tratamento, Conselho Tutelar e delegacias, indica que o vício nunca foi interrompido. (F2 RBS)

- d. (...) podemos afirmar que a dependência química é incurável quando se desconsidera o sujeito em questão, colocando a ênfase na droga. Assim temos a equação: com droga= doença, sem droga= cura. (F3 PSI)
- e. Por isso, mesmo que, em alguns momentos, a direção da cura requeira a positividade do analista, esta não significa indicações de abstinência ou de não abstinência, mas de escuta do desejo inconsciente. (F3 PSI)

Analisando as seqüências discursivas acima podemos ver que, no fragmento *a*, a cura só é possível no momento em que se admite a doença. Isto é, é preciso partir do saber prévio de que a dependência de entorpecentes é uma doença que necessita de tratamento. Contudo em *b* temos que a cura é qualificada como “algo fantástico”, triunfal, porém, quase que inatingível. Os pontos de exclamação e reticências são marcas da força enunciativa que se quer dar à frase, o operador discursivo “mas” estabelece a objeção à recuperação. Neste fragmento temos representada a falência da cura. Podemos ver que o enunciado usa a expressão “dependente químico”. Considerando que para a cartilha a dependência é uma doença, o sujeito assume uma posição de passividade nesse processo de recuperação. É o mesmo que acontece em *c*, onde vemos que a usuária de crack passou por vários tratamentos, mas nenhum resultou em algo positivo, uma vez que continuava a passar por delegacias e Conselho Tutelar. Podemos ler todos os dias nos jornais que delegacias e Conselho Tutelar fazem parte da rotina de um usuário de crack. Podemos inclusive notar que o uso da palavra “histórico” remete às fichas policiais.

Já em *d* vemos explicitamente a presença do interdiscurso, pois a autora parte do discurso da impossibilidade da cura quando a ênfase está na droga, como acontece nos recortes anteriores, e sintetiza a argumentação dos outros discursos na equação com drogas= doença, sem drogas= cura. Somente no recorte *e* vemos uma proposta de cura. A psicanalista rechaça o discurso de que a cura está na abstinência e indica como solução a escuta do desejo inconsciente. Como vimos no capítulo anterior, inconsciente possui uma característica em comum com ideologia, a dissimulação da sua presença.

É preciso lembrar aqui que todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, por isso não se pode falar em um discurso, mas em estado de



um processo discursivo (Orlandi, 2007) e esse estado deve ser compreendido como resultante de processos discursivos sedimentados, institucionalizados.

Assim, podemos perceber que as seqüências discursivas retiradas da cartilha e da reportagem estão mais relacionadas entre si, pois estão baseadas no senso comum de que a toxicomania é uma doença sobre a qual o sujeito não tem controle. Já nas seqüências discursivas retiradas do artigo psicanalítico o que percebemos é o diálogo com o discurso do senso comum para formar novos sentidos.

Partindo de Pêcheux (1997, pág. 160):

as palavras, expressões, proposições, etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (...) diremos que os indivíduos são interpelados' em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes.

Isso nos leva a inferir que os sujeitos produtores da cartilha e da reportagem pertencem a uma mesma FD, uma vez que seus discursos são carregados de escolhas e marcas textuais semelhantes, produzindo sentidos bastante parecidos. Por outro lado, a FD do sujeito produtor do artigo parece ser diferente, pois seu discurso dialoga com os outros, mas é marcado por outras escolhas, produzindo uma outra matriz de sentidos.

Segundo Orlandi (1978), podemos dizer que a produção da linguagem se faz na articulação de dois grandes processos: o parafrástico e o polissêmico. Isto é, temos de um lado a paráfrase, um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado; e, de outro, o polissêmico, que aponta no texto uma tensão para o rompimento. Sendo assim podemos dizer que os fragmentos discursivos que selecionamos são construídos com base na paráfrase e na polissemia, todavia o artigo científico tende mais para a polissemia enquanto os outros tendem mais para a paráfrase.

Contudo a cartilha e a reportagem não são iguais. Entendemos a cartilha preventiva como um tipo de discurso inclinado para o autoritário, que é aquele discurso em que a polissemia está contida, onde a linguagem que se estabelece tenta não deixar margens para dúvidas. Já a reportagem possui um discurso

inclinado para o polêmico, onde a polissemia é apenas controlada, onde vemos uma tensão parcial na formação dos sentidos.

É importante esclarecer que a denominação *autoritário* e *polêmico* é apenas uma descrição do funcionamento discursivo e não um juízo de valor. As inferências que fizemos entre os textos do corpus e essa denominação são resultado da nossa compreensão do funcionamento dos discursos. Também é preciso acrescentar que em uma sociedade organizada e constituída como a nossa, no conjunto de suas práticas, temos a predominância do discurso autoritário<sup>13</sup>.

Vimos acima, na análise dos campos semânticos e lexicais dos textos, que as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra. Assim podemos dizer que não são somente as palavras que determinam o dizer. Há uma articulação entre poder e convenções sociais.

As seqüências discursivas que vimos têm seus mecanismos de sentidos constituídos pelo contexto sócio-histórico, pelas condições de produção, pela situação e, considerando o discurso não apenas como transmissão de informação, pelo efeito de sentido entre interlocutores. Quando alguém diz algo de algum lugar da sociedade para outro alguém também de algum lugar da sociedade, isso faz parte da significação. Nos mecanismos de toda formação social existem normas de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas (no caso o uso de drogas) e as representações dessas situações no interior do discurso. Assim a significação discursiva pode ser entendida enquanto espaço de representações sociais.

Podemos dizer que essas normas de projeção estão representadas nas regularidades dos discursos. No caso da matéria jornalística, temos a impressão de que não há outra forma de falar sobre o crack e seus usuários se não for através daquele campo lexical. O mesmo acontece com a cartilha, onde já esperamos aquela forma de construir os efeitos de sentidos. Existe uma cristalização da forma e do conteúdo que nos permite antecipar o discurso. Ele já está interiorizado na mente dos sujeitos.

---

<sup>13</sup> Orlandi (1987) diz que não existe um discurso puramente autoritário lúdico ou polêmico. O que há são misturas, de modo que podemos dizer que um discurso tem um funcionamento dominante autoritário ou tende para o autoritário (para a paráfrase), etc.

Sabemos que a linguagem está intrinsecamente atrelada ao processo histórico social e que os efeitos de sentido têm origem na constituição dos interlocutores e do contexto. Também sabemos que a sociedade, da forma como ela se apresenta aos sujeitos, é dividida, e o sentido que construímos também é dividido. A aparência de unidade é dada pelo sentido garantido, institucionalizado, o sentido dominante. Se a ideologia dominante coloca certos pressupostos, como vimos na reportagem e na cartilha, então surge a necessidade de contestar a constituição dos sentidos assim construídos. É o que vemos no artigo de psicanálise, a necessidade de rompimento com a ideologia dominante para poder abarcar outros modos de ver e falar sobre o assunto drogas.

Existe uma seleção das formas que a língua oferece, seleção feita pelo falante que vai delimitando o que diz e o que seria possível dizer. Porém o sujeito não se apropria da linguagem individualmente. Há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletido o modo como ele o fez, isto é, o modo como ele foi interpelado pela ideologia.

Esse movimento de interpelação dos indivíduos pela ideologia é uma condição necessária para tornarem-se sujeitos e assim livremente submeterem-se às condições de produção, à ordem estabelecida, tendo a ilusão de autonomia. Vejamos abaixo uma série de recortes da cartilha *Drogas: sua liberdade por um fio*:

- a. Drogas: sua liberdade por um fio
- b. Liberdade com consciência é a verdadeira liberdade
- c. A DOENÇA TIROU DELE ESSA LIBERDADE!

Partindo da afirmação da AD de que o sujeito é livre para se assujeitar podemos analisar as seqüências discursivas acima da seguinte maneira: *a*, *b* e *c* relacionam liberdade X droga, tendo a palavra liberdade como a antítese da droga. Em *a*, vemos o título da cartilha. Em um primeiro momento podemos pensar que a liberdade de que fala a cartilha é a liberdade civil, de ir e vir, assim o enunciado seria um aviso ao leitor de que ele pode ser preso por porte de drogas ilegais. Mas ao longo do texto vamos percebendo que se trata da liberdade de opção, direito de todo cidadão.

Analisamos que o recorte *b* parte do pressuposto de que há uma liberdade que não é verdadeira, a liberdade sem consciência. Podemos nos perguntar que tipo de consciência é essa, pois ela tem a carga de verdade. Certamente a consciência de que falamos aqui é o discurso dominante da cartilha. O recorte *c* está em caixa alta se diferenciando do corpo do texto. O que vemos é novamente a questão da droga como doença, uma doença capaz de privar o sujeito de um dos seus direitos primordiais, a liberdade. Assim temos que de um lado está a droga, a doença, de outro está a liberdade, a vida sem drogas.

O que esses recortes representam no discurso da cartilha é que a abstinência (o não uso de drogas) permite aos sujeitos o usufruto da liberdade. Pêcheux (1988) fala do ego e explica que é o lugar onde se constitui a relação imaginária com a realidade. Contudo o ego não pode perceber seu assujeitamento ao Outro (ao Sujeito, entendido aqui como o sujeito universal da FD). Dessa impossibilidade vemos nascer a ilusão da cartilha de que a abstinência significa liberdade, quando na AD sabemos que essa opção também é uma sujeição. Apesar disso é daí que decorre a possibilidade de o sujeito experimentar a realidade sob a forma da autonomia.

Essa interpelação ideológica, ou assujeitamento, de que falamos ocorre fazendo com que cada indivíduo seja levado a ocupar um lugar em um dos grupos, ou classes, de uma determinada formação social, sem tomar consciência disso, ao contrário, acreditando que é senhor da sua própria vontade. As classes sociais, assim constituídas, vão se caracterizar nos lugares determinados de onde falam os sujeitos, não como presença física, mas como representação. Assim, destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro a imagem que eles fazem dos lugares que representam na sociedade.

Sendo assim podemos dizer que os discursos que analisamos (e todos os outros) estão legitimados (ou não) pelo lugar de onde fala o destinador e de onde escuta o destinatário. No caso da cartilha, sabemos que ela faz parte de uma série de publicações feitas por um laboratório de remédios. Considerando que remédios também são drogas, mas que a princípio não deveriam causar danos à saúde do usuário, o discurso da cartilha que apela para a saúde das pessoas tem sua lógica fundamentada na relação remédio/saúde X drogas/doença, que faz parte do imaginário coletivo.

Por se apropriar do discurso da saúde, a cartilha toma para si a verdade da “Ciência”. Sabemos que no imaginário social qualquer cura física ou psíquica está associada à medicina, dando a ela o maior status de ciência, como se as outras fossem menores ou menos seguras do que ela. Segundo Baudrillard (1995), a linguagem da ciência é a linguagem por excelência da sociedade de consumo. Nesse sentido a sociedade de consumo é o resultado do atrelamento da indústria com a ciência.

A sociedade de consumo se caracteriza por ser organizada pelas relações de consumo e valores associados, condicionando a produção de bens materiais e serviços. O sujeito somente atinge o status de cidadão através do seu potencial de consumidor. Seu sucesso social e felicidade pessoal são identificados pelo nível de consumo. Para Betts<sup>14</sup>, é evidente que a sociedade de consumo induz às drogas e é essa indução que faz da toxicomania um sintoma social maníaco.

Acreditamos que essa “verdade” da cartilha preventiva, apoiada sobre um suporte com distribuição institucional como a medicina, tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e força coercitiva. Vejamos a seguir algumas seqüências discursivas retiradas da reportagem *Mães pretendiam vender os filhos em troca de crack*:

- a. Esqueça viciados que extorquem pais, irmãos, avós. Que assaltam para sustentar o vício. Que se vendem em troca de droga. Em Farroupilha, próspera cidade da Serra gaúcha, sete usuárias de crack escreveram um novo capítulo na decadência em que mergulham os dependentes químicos.
- b. Na carta, a jovem diz que ela e suas conhecidas se prostituíam para receber a droga como pagamento. Ao final da gravidez, as cafetinas forçariam a entrega dos bebês, que seriam repassados a outras famílias. Para manter as mães em silêncio prometeram dinheiro.

---

<sup>14</sup> BETTS, J. A. “A Sociedade de Consumo e Toxicomanias – consumir ou não ser”. In: APPOA. Revista - *Tóxicos e Manias*. Nº 26. Porto Alegre: APPOA.

As pistas lingüísticas que nos permitem analisar a imagem do usuário de crack decorrem do efeito de performatividade que impregna a matéria jornalística. Essa performatividade assume o tom de advertência na cartilha e em alguns momentos chega quase a uma ameaça.

Desse modo a imagem do usuário de drogas constrói-se sobre a performance narrativa que sustenta a enunciação da matéria, manifestando uma imagem prototípica do sujeito que está envolvido nessa situação. Através dessa imagem é construída a relação imposta de doença e cura, questionada no artigo. Assim, o discurso que circula na cartilha é fortalecido por essa imagem do drogado, podendo revestir-se da auto-legitimação necessária para falar como o lugar da verdade.

Uma FD constrói para si uma memória externa, filiando-se a FDs anteriores. Ao longo do tempo ela cria também uma memória interna com os enunciados produzidos no interior dela mesma (Maingueneau, 2000). Sendo assim, o que temos no recorte *a* é um acesso a essa dupla memória: o verbo ‘esquecer’ no imperativo nos indica claramente que o fato de viciados extorquirem familiares, roubarem e se prostituírem já faz parte daquilo que é recorrente no discurso jornalístico-policial a respeito de entorpecentes. O sujeito-autor traz esses elementos à tona para fortalecer seu julgamento sobre o fato que será relatado, induz o leitor a crer que o ato daquelas mulheres é pior do que todos esses já conhecidos. Ao dizer que as usuárias escreveram um novo capítulo na decadência que envolve os dependentes químicos, temos a impressão de se trata de uma novela, que dia após dia tem um novo desenrolar. A narrativa da matéria se confunde com a realidade empírica.

A carta de que fala o recorte *b* foi escrita por uma das gestantes para pedir ajuda da promotora pública, nessa carta ela conta como aconteceria a venda dos bebês<sup>15</sup>. Essa seqüência discursiva representa para nós um ponto de deriva no texto, pois até então, pelo título da matéria, achávamos que as mulheres pretendiam vender os filhos por crack, contudo ficamos sabendo que as ‘cafetinas’ forçariam a entrega dos bebês e dariam dinheiro para as ‘prostitutas’ ficarem caladas. É esse trecho da reportagem que levará o leitor atento a se perguntar se aquelas mulheres realmente pretendiam vender seus

---

<sup>15</sup> Essa carta não é transcrita na matéria.

bebês ou se estavam tomando os filhos delas, se aproveitando de uma situação complexa de toxicomania. O texto deixa essa questão em aberto. Não temos dúvida de que uma forte relação com o crack realmente pode levar os usuários a atitudes moralmente condenáveis na nossa sociedade, contudo parece haver uma lacuna muito grande nessa história e de certa forma até mesmo um silenciamento de outros fatores além da dependência que estariam influenciando essa situação.

A prostituição no Brasil é legal, já que não existe nenhuma lei que proíba a prostituição adulta. Também não existe punição nem para os clientes, nem para as prostitutas. No entanto o fomento à prostituição e o lucro sobre a atividade de terceiros podem ser penalizados. Vemos que na matéria *Mães pretendiam vender os filhos em troca de crack* quem está sendo condenado são as prostitutas e não as cafetinas. São estas que de fato estavam exercendo uma atividade ilegal, além de extorquirem aquelas com crack ainda pretendiam lhes retirar, ou comprar os filhos, o que pode configurar tráfico de pessoas<sup>16</sup>. Isso demonstra para nós que a matéria só pode ter sido escrita com o direcionamento de culpar o usuário de crack por um comportamento inaceitável na sociedade. Também nos parece que importa mais condenar o uso de drogas do que o tráfico de pessoas.

Essas usuárias da droga estão de muitas formas à margem da sociedade e são julgadas por muitos motivos: são pobres, são mulheres e são prostitutas. A matéria que vimos faz um julgamento moral desses sujeitos a partir da relação deles com as drogas. Isto é, ela leva o leitor a crer que o crack e aquelas dependentes são os agentes causadores do sofrimento dos bebês recém-nascidos, condenando moralmente somente as mulheres e não as outras pessoas envolvidas (as cafetinas, as famílias que iam ficar com as crianças, os advogados e um homem não identificado<sup>17</sup>) que também estavam praticando um ato ilegal, mesmo não sendo adictos em crack.

Vejamos agora alguns fragmentos discursivos do artigo *De qual cura falamos? Relendo Conceitos*:

---

<sup>16</sup> De acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime

<sup>17</sup> Essas outras pessoas são citadas ao longo da reportagem.

- a. Geralmente, nas toxicomanias temos uma formação sintomática na qual há uma cristalização da posição do sujeito numa relação de exclusividade com a droga.
- b. Nesse momento associa o tóxico a sua mãe. O sintoma passa a ser endereçado ao Outro.
- c. Como vimos nos recortes apresentados, em alguns casos o sintoma toxicomaniaco se constrói num endereçamento ao Outro e, em outros casos, há uma pretensão ilusória de exclusão do Outro.

Vemos nessas seqüências discursivas que a questão do sujeito é central no discurso psicanalítico sobre a questão das drogas. Podemos apontar como diferença primordial entre essas seqüências e as vistas anteriormente que aqui não se trata de dominar os “poderes das drogas”, nem de condenar os usuários, trata-se de determinar as condições de funcionamento do uso de entorpecentes. Em *a*, vemos que a droga pode provocar uma dispersão do sujeito em uma pluralidade de posições possíveis, a toxicomania seria a cristalização de uma só posição. Isso também funciona no nível do discurso, onde a questão das drogas produz inúmeras posições-sujeitos dentro de diferentes formações discursivas.

O recorte *b* se dá em um momento do texto em que a autora comenta e abre espaço para a fala de um sujeito que está se propondo a abster-se de heroína. No que diz respeito às condições de produção, sabemos que os discursos terapêuticos não podem ser dissociados dos papéis pré-estabelecidos para os sujeitos que falam e escutam. Dessa forma, na relação construída em um contexto de terapia, entre a palavra e a escuta os papéis do analista e do paciente não podem ser trocados.

O uso da palavra “sintoma” em *a*, *b* e *c* nos mostra que o sujeito-autor fala a partir de um contexto de saúde, contudo, ao usar essa palavra está deixando de lado uma série de outras que poderiam preencher aquele lugar. Sabemos que o uso desse sintagma é uma recorrente dentro da psicanálise<sup>18</sup>. Vimos na cartilha que nesse lugar é recorrente a palavra *doença*. Se tanto a cartilha quando o artigo se baseiam em uma questão de saúde, o uso de substantivos diferentes para falar de uma mesma coisa significa uma ruptura nos discursos.

---

<sup>18</sup> Em uma perspectiva lacaniana o sintoma é tomado enquanto manifestação inconsciente que mascara a verdade do desejo.



Ao usar *sintoma* ao invés de *doença*, o sujeito-autor está demonstrando, pelo menos parcialmente, sua desvinculação à FD que considera a drogadição uma patologia. Nessa simples troca de palavras aparece a necessidade que a língua tem de incorporar a heterogeneidade inerente à formação do sujeito. Além disso, deixa transparecer as pressões ideológicas que operam no discurso.

Nas seqüências de *b* e *c* vemos que a tensão constitutiva do uso de tóxicos se dá no endereçamento ao Outro. Sabemos que em AD o sujeito situa seu discurso em relação aos discursos do Outro, que não é somente o seu destinatário, para quem planeja e regula sua fala, mas é também os outros discursos historicamente já constituídos e que emergem daí. Relacionando AD e psicanálise, podemos pensar o sujeito toxicomaniaco numa relação de rebeldia com o Outro<sup>19</sup>, ou na falta do Outro, o que irá configurar o desejo.

Acreditamos que o artigo de psicanálise se projeta como um lugar diferenciado dentro do discurso científico e da saúde, podendo ser lido como a aparição de novas formas de verdade em um contexto em que os saberes cristalizados já não respondem mais às inquietações dos sujeitos.

Nos fragmentos que analisamos neste capítulo encontramos diferentes posições, que correspondem a diferentes formações discursivas. Analisamos essa situação tanto no que diz respeito à posição do sujeito com relação às drogas, quanto na posição do sujeito com relação ao uso que outros sujeitos fazem das drogas. Isso fez com que cada autor privilegiasse diferentes sentidos na construção de seus textos.

---

<sup>19</sup> Na psicanálise o Outro é definido como o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo o que vai poder presentificar-se ao sujeito. Ou seja, o sujeito nasce em uma relação de dependência significante com o lugar do Outro. Entendemos que o conceito de Outro, com letra maiúscula, instaura a dimensão simbólica da linguagem, essencial para diferenciar a construção do eu imaginário do sujeito do inconsciente.

## EFEITO DE CONCLUSÃO

Como dissemos na apresentação, a questão das drogas mostrou-se para nós como um objeto importante a ser analisado, pois ela envolve toda a sociedade e produz os mais diversos discursos. As diferentes formas de falar sobre isso foi o que nos deixou com o desejo de obter um maior conhecimento sobre o assunto e de analisar os discursos onde esses conhecimentos circulam.

Acreditamos na importância desse trabalho, pois a sua realização permitiu o olhar atento sobre as opiniões e sobre os mecanismos de significação que atuam na coerção dos agentes sociais sobre um tema que sempre será polêmico. Com a realização da nossa análise aprendemos muito mais sobre drogas, sobre AD e sobre a língua, nosso principal objeto de estudo durante todos os anos que cursamos a faculdade de Letras.

As seqüências discursivas analisadas fazem parte de um conjunto de enunciados muito heterogêneos, formulados por um laboratório farmacológico, por um jornalista (pela voz do jornal) e por uma pesquisadora psicanalista. Vimos que cada um tem sua forma de regularidade e também seus sistemas de coerção.

Os discursos que são atravessados pela doença e pela culpa, na cartilha e na reportagem, fazem parte do senso-comum. Contudo, a partir deles, no artigo de psicanálise, uma nova regularidade se formou, retomando e excluindo, justificando e descartando alguns de seus enunciados.

Vimos que a cartilha preventiva chamou para si uma responsabilidade aparentemente médica e pedagógica, o que a faz duplamente política, ao formular seus enunciados sobre os psicotrópicos. Já o artigo nos mostrou que o discurso é aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, sendo também aquilo que é o objeto do desejo (palavras tóxicas).

Todos os discursos estudados, certamente, se colocam como a verdade a respeito das drogas, apoiando-se em suportes institucionais, reforçam o seu saber a partir de um lugar que legitima o seu dizer. Não temos dúvida de que é o modo como esse saber é aplicado na sociedade, como é atribuído, valorizado e repartido, que vai conduzir os seus efeitos de sentidos.

Os discursos aqui analisados são distribuídos na sociedade segundo algumas regras, cuja função é conservar, difundir ou restringir saberes. Sabemos que as formas de divulgação e circulação de textos científicos são restritas a uma pequena parte da população, mais especificamente à comunidade acadêmica, enquanto os textos jornalísticos são produzidos exatamente para terem a maior difusão possível. Já os textos didáticos que se apropriam de discursos como o médico e o científico, circulam em meios que não são nem tão restritos e nem tão livres, geralmente são ambientes de “aprendizagem” como a escola e a igreja.

No nosso trabalho, não pretendíamos comparar a força de verdade dos enunciados com separações arbitrárias. Acreditamos que os discursos se organizam em torno de contingências históricas, que não só são deslocáveis, como também estão em constante modificação.

Vimos que o discurso médico instaura uma ordem que funciona conforme leis próprias, impondo sua coerção ao “doente” (no caso o sujeito toxicomaníaco), aos agentes de saúde, à família e à sociedade. Ele veicula, dessa forma, uma ideologia que em grande parte se confunde com a ideologia dominante, pois em síntese sempre nos disseram que o médico sabe melhor que nós o que convém para a nossa saúde. Nossa liberdade resume-se em escolher a sua forma de conduta. Assim concluímos que a liberdade de que fala a cartilha trata-se de uma liberdade forçada, pois só deixa como outra opção a doença, a morte. Também entendemos que independente de qual seja a escolha do sujeito diante do fenômeno do uso de entorpecentes, ela certamente se configurará como uma submissão a uma forma-sujeito, a um Outro.

Existem, evidentemente, muitos outros discursos e muitas outras formas de analisá-los. Aqueles de que falamos neste trabalho concernem, sem dúvida, aos discursos que põem em jogo o poder e o desejo. A diferença de construções entre eles tem sempre uma razão que não é apenas a diferença de informação, mas sim de efeitos de sentido.

Entre as diversas abordagens que podem existir a respeito dos entorpecentes nas sociedades modernas, vimos que se destaca aquela de “combate às drogas”, apresentando-se como a única maneira capaz de enfrentar o problema. Com uma expressão claramente condenatória, alarmista, moralista e sensacionalista, a cartilha anti-drogas e a reportagem sobre crack

tratam da questão com juízos valorativos. Acreditamos que esses discursos anti-drogas encobrem uma série de fatores que, até certo ponto, contribuem para a expansão do fenômeno.

Ao opor-se a essa visão reducionista, o artigo *De qual cura falamos?* não se entrega a uma apologia do consumo de substâncias psicoativas, apenas defende uma análise contextualizada e centrada no sujeito usuário.

Em nossa opinião, abordar a questão do crack, no enfoque da matéria jornalística e de toda a campanha *Crack, nem pensar*, significa não tratá-la como uma realidade a ser investigada, significa transformar o crack em um mito que foi fabricado para manter determinadas funções sociais, um mito erguido atrás de uma cortina de fumaça, que impede a sociedade de averiguar o real dimensionamento da questão. Encravado no seio da “cruzada anti-drogas”, lhe é atribuída a função de “vilão”, fazendo-o parecer o responsável pela maioria dos problemas sociais dos quais ele faz parte.

Podemos dizer que nem todas as regiões dos discursos sobre a questão das drogas são abertas e penetráveis, algumas são altamente proibidas, enquanto outras estão abertas a todos os ventos e postas, sem restrição, à disposição de cada sujeito que fala; parece que essas regiões são tão ilegais quanto os entorpecentes de que falam. Dizemos isso porque ao longo do trabalho sentimos que é muito mais fácil falar pejorativamente das drogas e dos seus usuários, pois parece que pensar em outros sentidos para essa questão é fazer apologia ao uso.

Por último, podemos dizer que notamos a existência de uma dupla determinação nos discursos analisados: a determinação dos sujeitos, condicionada ao lugar de onde falam e a determinação dos discursos, vinculados ao público a que se dirigem.

Sentimos que agora, ao fim do percurso, devemos sublinhar nossa dívida com a AD. Foi a partir dessa perspectiva teórica que aprendemos a não ler um texto ingenuamente, foi ela que nos ensinou a pensar a língua de modo diferente dos métodos tradicionais do formalismo lingüístico. Se nós quisemos construir nosso trabalho de conclusão de curso sob tal perspectiva, foi pela importância que ela teve na nossa formação enquanto lingüistas e, se por acaso, em algum momento nos desviamos ou nos afastamos do rigor de seus textos fundadores foi por não termos uma maior experiência.

Voltamos agora ao que tínhamos postulado na apresentação: tudo o que conseguimos produzir com a presente monografia não pode ter um fechamento que não seja provisório. O tema nos remete a uma enormidade de saberes e crenças que não podemos determinar as origens, e a AD nos abre caminho para continuar abordando essa questão.

Concluimos essa monografia com a impressão de que existe em nossa sociedade um medo profundo e calado de tudo que há de descontínuo, de combativo, de desordem e de novo nos embates incessantes dos discursos. Para nós, analistas de discurso, é justamente essa “zona de guerra” que atrai, perturba e nos faz querer saber cada vez mais sobre nosso objeto de análise.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHÉ, Laboratórios Farmaceuticos S. A. *Drogas: sua liberdade por um fio*. 2ª Ed. São Paulo, 2009.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1985.

BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BETTS, J. A. A Sociedade de Consumo e Toxicomanias – consumir ou não ser. In: APPOA. Revista - *Tóxicos e Manias*. Nº 26. Porto Alegre: APPOA.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

DUARTE, A. *Mães pretendiam vender filhos em troca de crack*. Clic RBS. 2010, agosto, 14: Crack, nem pensar – notícias.

FERREIRA, M. C. L. *Da ambigüidade ao equívoco – a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. O Quadro Atual da Análise de Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M. C. L. (orgs). *Michêl Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

FOUCAULT, M.. *A Ordem do Discurso*. 20ª Ed. Tradução: Laura F. A. Sampaio. São Paulo, SP: Loyola, 2010.

GRIGOLETTO, M. *Leitura e Funcionamento Discursivo do Livro Didático*. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Campinas, SP: Pontes, 1999

GUIMARÃES, E. *Os Limites do Sentido*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HOUAISS (dicionário eletrônico). Versão 2.0a. Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA. Abril de 2007.

INDURSKY, F. Unicidade, Desdobramento, Fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. Práticas Discursivas e Identitárias: sujeito e língua. Porto Alegre, RS: Nova Prova, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Termos-Chave da Análise do Discurso*. Tradução Márcio V. Barbosa e Maria Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MAGALHÃES, S. C. (org.) *O Sujeito da Psicanálise*. Salvador, BA: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2004.

MAZIÈRE, F. *A Análise do Discurso, história e práticas*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo, SP: Parábola, 2007.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 7ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. Funcionamento e Discurso. In: *A Linguagem e seu Funcionamento*. 2ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. "Protagonistas do/no Discurso". In: *Foco e Pressuposição*. Uberaba, SP: Instituto de Ensino das Faculdades Integradas de Santo Tomás de Aquino, 1978.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Unicamp, 1983.

\_\_\_\_\_. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

RIBEIRO, E. M. Entre tóxicos e manias. In: APPOA. Revista - *Tóxicos e Manias*. Nº 26. Porto Alegre: APPOA, 2004.

TOROSSIAN, S. De qual cura falamos? Relendo conceitos. In: APPOA. Revista - *Tóxicos e Manias*. Nº 26. Porto Alegre: APPOA, 2004.

VANOYE, Francis. *Uso da linguagem. Problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## REFERÊNCIAS A SITES:

HARTMANN, F. *Sujeito do inconsciente e sujeito em análise de discurso: Diferenças e aproximações*. Disponível em:

<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/ideologia/hartmann.pdf>

INFO DROGAS. *Breve histórico das drogas perturbadoras do SNC*. Disponível em:

<http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/brevehist.htm>

ENCOD. *História Internacional da Droga*. Disponível em:

<http://www.encoded.org/info/HISTORIA-INTERNACIONAL-DA-DROGA,977.html>

PITOMBO, H. *Drogas: meu bem, meu mal*. Disponível em:

<http://historia.abril.com.br/comportamento/drogas-meu-bem-meu-mal-480695.shtml>

WIKIPÉDIA. *Prostituição no Brasil*. Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostituição\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostituição_no_Brasil)

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS:

<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>



**ANEXOS**

**DROGAS:**  
sua  
**liberdade**  
por um  
**fio**



Coleção Aché  
de Educação  
para a Saúde

## INTRODUÇÃO



Liberdade com consciência  
é a verdadeira liberdade!

A liberdade de escolher o próprio caminho é que faz o ser humano se diferenciar dos animais irracionais. Viver com liberdade é tomar nossas próprias decisões... e enfrentar suas conseqüências.

Somente assumindo essas decisões e responsabilidades, a cada passo, é que crescemos e conquistamos definitivamente nossa independência!

O que acontece, hoje em dia, é que certas opções podem acabar com nossa liberdade...

... A LIBERDADE DE CONTINUAR  
DECIDINDO... PENSE NISSO!

O **OBJETIVO** deste livro é esclarecer um assunto muito atual e cercado de polêmica:  
**AS DROGAS.**

Somente conhecendo mais sobre elas é que poderemos formar nossa própria **OPINIÃO** e decidir sobre nossos caminhos, buscando realmente o que é **MELHOR** para nós!

## QUE É DEPENDÊNCIA?



Qualquer doença  
psíquica consiste, acima  
de tudo, na perda da  
liberdade de escolha!

## É uma DOENÇA!

Aqueles que decidem consumir droga uma vez, estão fazendo uma **OPÇÃO**. Continuar usando drogas também é uma opção, só que, a cada dia, você vai optar cada vez **MENOS**...

Isso porque o organismo se adapta à presença da droga. Ele adocece. Quando o indivíduo fica sem a droga, passa a se sentir muito mal, irritado, deprimido, ansioso. O dependente acha que o único alívio possível é continuar o consumo. Conforme a dependência vai se instalando, a pessoa passa a abrir mão de coisas que antes eram muito importantes para ela. É o momento em que aparecem as brigas e discussões com a família, a piora no desempenho escolar, a venda de objetos para comprar drogas, etc.

### TUDO PASSA A GIRAR EM TORNO DO CONSUMO DE DROGAS!

A partir desse ponto, o indivíduo não consegue mais ficar sem a substância tóxica.

Não há mais **OPÇÃO**: ele não escolhe se vai usar drogas ou não.

### A DOENÇA TIROU DELE ESSA LIBERDADE!

Portanto, a dependência não é uma opção. É uma condição patológica (uma doença) que tira a liberdade do indivíduo de optar!

## EXISTE TRATAMENTO?



*Não devemos ter medo ou vergonha de buscar ajuda!*

## SIM!

Perceber a presença da própria doença e se responsabilizar pelo tratamento é o primeiro passo em direção à recuperação.

O tratamento da dependência química é acima de tudo a busca de um novo estilo de vida. É uma mudança árdua, complexa, marcada por erros e escorregões. Qualquer processo de modificação de comportamento, em maior ou menor grau, é assim.

Mudar requer grande força de vontade.

Em qualquer tipo de mudança, há momentos de desânimo e desesperança.

É preciso ter um objetivo muito claro das vantagens que essa conquista lhe trará!

Não adianta olhar o passado para achar um culpado. Deve-se pensar no futuro!

**É PRECISO QUERER MUDAR  
E BUSCAR AJUDA PARA  
CONSEGUIR!**

É muito importante existir pessoas comprometidas com o processo de recuperação (o próprio dependente, sua família, os amigos e os profissionais da saúde).

O diagnóstico de dependência química é determinado por uma série de critérios, por isso a necessidade de ajuda especializada, que fará um levantamento da relação que a pessoa tem com a droga: tempo, consumo, hereditariedade, negação, compulsão e defeitos de caráter (como a manipulação).

## OPTANDO PELA VIDA



O melhor caminho é não se envolver com as drogas!

A recuperação de um dependente químico é algo fantástico! É a vitória da vida! Mas, infelizmente, poucos conseguem...

Por isso, o melhor mesmo seria poder evitar tanto sofrimento.

No início, a droga pode ser consumida por mera curiosidade, uma necessidade de afirmação frente aos amigos, uma brincadeira, para espantar a timidez ou fugir de algum problema... porém, qualquer que seja o motivo, em curto e médio prazos, sem exceções, ela irá causar repercussões irreversíveis na saúde (sobre o sistema nervoso central, principalmente), vida familiar, profissional e afetiva, interferindo também na gestação e saúde de fetos de mães dependentes.

O grande problema para o usuário é que o limite da curiosidade e da brincadeira entre os amigos pode estar muito perto das condições de alterações orgânicas, as quais se transformam em vício e dependência, trazendo graves seqüelas para o organismo e a personalidade.

A droga se torna o maior e o pior problema na vida dessa pessoa.

Crack nem pensar | 14/08/2010 04h13min

## Mães pretendiam vender filhos em troca de crack

**Ação do Ministério Público fez com que sete mães perdessem a guarda das crianças**

Adriano Duarte | [adriano.duarte@pioneiro.com](mailto:adriano.duarte@pioneiro.com)

Esqueça viciados que extorquem pais, irmãos, avós. Que assaltam para sustentar o vício. Que se vendem em troca de droga. Em Farroupilha, próspera cidade da Serra gaúcha, sete usuárias de crack escreveram um novo capítulo na decadência em que mergulham os dependentes químicos. Engravidaram e acertaram a venda dos seus bebês, em troca de dinheiro. O suposto esquema só foi abortado pela Justiça porque uma das mães, arrependida, teria contado tudo a uma promotora. Atualmente protegidas pela Justiça, as sete crianças foram tiradas do convívio materno e aguardam, num abrigo público, chance de recomeço em outra família.

As prostitutas frequentam rodovias e boates da região da Lomba do Sabão, em Farroupilha. As mulheres, com idades entre 20 e 30 anos, engravidaram entre junho e agosto de 2009. Durante a gestação, teriam negociado previamente a venda das crianças com cafetinas, o que está sendo investigado pelas autoridades. Para entregar os filhos logo após o nascimento, cada uma receberia R\$ 1 mil. O negócio seria intermediado por advogados.

Além do crack, as sete jovens têm em comum o fato de se prostituírem e morarem no conhecido ponto de Farroupilha que reúne boates abertas dia e noite. Tudo ruiu porque uma delas denunciou o esquema à promotora Cláudia Formolo Hendler Balbinot. De março a junho deste ano, com apoio da Justiça, Cláudia tirou a guarda de seis meninas e um menino das mães e os colocou em um abrigo para adoção.

A trama foi revelada em março, por meio de uma carta que teria sido escrita por uma das garotas de programa, na qual ela pedia ajuda da promotora, dando detalhes de como aconteceria a venda dos bebês. O relato ajudou a reforçar a atenção da promotoria, que já monitorava três grávidas da Lomba do Sabão suspeitas de pretenderem vender as crianças.

Na carta, a jovem diz que ela e suas conhecidas se prostituíam para receber a droga como pagamento. Ao final da gravidez, as cafetinas forçariam a entrega dos bebês, que seriam repassados a outras famílias. Para manter as mães em silêncio, prometeram dinheiro. A negociação ficaria facilitada pelo forte envolvimento das mães com o crack e teria o intermédio de um homem, não identificado.

**Avós podem ganhar a guarda**

A promotora determinou o acompanhamento da gestação por outros órgãos da cidade. Um estudo social mostrou que as sete mulheres e seus familiares não tinham condições de criar os filhos. Por isso, a Justiça determinou o recolhimento de todos os bebês assim que nascessem. A medida judicial também deixou claro que as mulheres não poderiam ter contato posterior com as crianças. Para a promotora, a ação impediu que os meninos e meninas sofressem com maus-tratos ou abandono. Ela acredita que as mães não queriam e também não conseguiriam cuidar dos bebês.

Uma das gestantes, sabendo que perderia a guarda do bebê, se refugiou com outros viciados em um ônibus abandonado às margens da RSC-470, em Bento Gonçalves. Alertados, PMS localizaram a mulher e a trouxeram de volta à cidade.

Durante a gestação, todas elas usaram crack. Por esse motivo, o juiz Mário Maggioni determinou a internação compulsória delas para proteger os bebês. O tratamento, porém, foi descumprido. Nas audiências posteriores ao nascimento, três homens se apresentaram como pais, mas nenhum apresentou condições de assumir a criação. Segundo a promotora, dois avós manifestaram vontade de ficar com os bebês. Os pedidos ainda estão sob avaliação judicial.

### **Mãe deseja a filha de volta**

O cheiro de cigarro está impregnado na casa, misto de boate e moradia na Lomba do Sabão (Farroupilha). Sentada sobre um sofá rasgado, a jovem de 21 anos não admite ser viciada em crack. Muito magra, ela tenta disfarçar a condição de dependente das pedras. Mas seu histórico extenso, que inclui passagens por casas de tratamento, Conselho Tutelar e delegacias, indica que o vício nunca foi interrompido.

Ela teria sido a pessoa que escreveu a carta (acima) pedindo ajuda do Ministério Público. Juliana nega. Acredita que alguém usou seu nome para lhe prejudicar. Também afirma que nunca houve negociação para vender seu bebê. Ela tem outros dois filhos que moram com o pai e com uma avó.

Enquanto conta parte de sua história, a jovem chora. Diz que ainda sente o cheiro de sua filha e não esquece o dia do parto. A menina nasceu na segunda semana de abril, cercada de cuidados, pois a gestação não teve acompanhamento médico. Juliana sentiu as primeiras contrações de manhã, mas só procurou o médico à tarde, quando a dona da boate apareceu. Na cama, ao ouvir o primeiro choro, ela pediu para ver a menina. As enfermeiras trouxeram a criança, e a jovem a abraçou por dois minutos. Quando teve a filha, diz ter parado de usar crack e de ir à estrada se prostituir. Ela tentou sensibilizar a Justiça, mas não convenceu:

– Minha mãe tem condições de ficar com a bebê , mas negaram.

Juliana diz ter procurado um advogado para tentar reconquistar a filha. A partir desse dia, promete que entrará em um programa de reabilitação.



– Mesmo sendo a mãe que fui, mereço ter minha filha de volta. Sinto o cheiro dela quando vou dormir.

### **À espera da nova família**

Sem as mães, os sete bebês recebem cuidados das educadoras do abrigo público de Farroupilha. São alimentados com suplementos receitados por um médico e dormem em um berçário com sistema de água aquecida. Os recém-nascidos estão sob um controle rígido, não sendo permitido o contato com pessoas de fora ou com as outras crianças da casa, também acolhidas devido a maus-tratos e abandono. A medida tem o objetivo de evitar doenças, já que os bebês são muito frágeis.

Quando as crianças chegaram ao berçário, não apresentavam alterações, com exceção do peso reduzido. Os recém nascidos não sofreram crise de abstinência, algo que pode acontecer com filhos de viciadas. Dois bebês ficaram alguns dias no hospital. Como as mães não fizeram pré-natal, as equipes não sabem se eles poderão ter algum problema de saúde no futuro. Em alguns meses, essas crianças devem deixar a casa para estar nos braços de alguma família.

**TEXTOS**

## DE QUAL CURA FALAMOS? RELENDO CONCEITOS

Sandra Djambolakdjian Torossian\*

### **RESUMO**

*O presente artigo questiona algumas afirmações escutadas entre profissionais que, nos tratamentos com sujeitos toxicômanos, focalizam a química em detrimento do sujeito. Através de dois recortes de caso, analisam-se diferentes formações sintomáticas toxicomânicas: a primeira, que apresenta um endereçamento ao outro, e a segunda, na qual há uma tentativa de exclusão do Outro. As especificidades na direção da cura, especialmente na demanda e na transferência, são também trabalhadas no texto.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *toxicomanias, direção da cura, demanda, transferência.*

### **WHICH CURE ARE WE TALKING ABOUT? REREADING CONCEPTS ABSTRACT**

*The present article begins by questioning some affirmations frequently heard from professionals who work with addictive subjects. The chemic is generally focussed at treatments to the detriment of the subject. Different addiction symptomatic formations are analysed by two cases: the former presenting an "other" direction, and the latter in which there is a tentative of exclusion of the Other. Some cure direction specifications in particular those of demand and transfer are also discussed in this text.*

**KEYWORDS:** *drug addictions, direction of the cure, demand, transference.*

\* Psicanalista; Membro da APPOA; Doutora em Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS. Professora e pesquisadora da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: djamb@terra.com.br

**A**lguns dos ditos freqüentemente escutados entre os profissionais que trabalham com usuários de drogas e toxicômanos serão utilizados aqui com a intenção de problematizá-los, situando os temas da cura e do sujeito.

Uma das frases seguidamente escutadas é “O tratamento psicanalítico não é aconselhado em casos de toxicomania”. As justificativas para essa afirmação incluem a idéia de que os toxicômanos precisam de tratamento breve e de que eles não entram em transferência.

Em relação à primeira justificativa, indagamos: breve para quem? Para os sujeitos que sofrem ou para quem com eles convive? Todos sabemos da dificuldade de convivência com sujeitos que estão, em determinado momento de suas vidas, amarrados a um produto como a droga. A idéia de tratamento breve coloca, ainda, a concepção de cura associada à abstinência. Assim, de acordo com este pressuposto, os toxicômanos precisam *livrar-se* do consumo de drogas para serem considerados curados.

A partir dessa concepção de cura, apresenta-se outra premissa, quase inquestionável e tomada como verdade: a dependência química é uma doença incurável que, à semelhança da diabetes, somente pode ser controlada.

Nosso olhar inicia pela denominação da adição nestes pressupostos: dependência química. Observamos que, em todos os casos, a ênfase é colocada na química. Onde encontramos o sujeito nesta denominação?

Seguindo por essa via de raciocínio, podemos afirmar que a dependência química é incurável quando se desconsidera o sujeito em questão, colocando a ênfase da cura na droga. Assim temos a equação: com droga=doença, sem droga=cura.

Uma das contribuições da psicanálise reside nesse ponto, o psicanalista não trata a dependência química, mas de um sujeito que sofre de drogadição ou de toxicomania, entendendo que este se subjetiva numa sociedade que tem no consumo um dos seus máximos valores.

A idéia de incurabilidade aponta, ainda, para a cronicidade do sintoma. Geralmente, nas toxicomanias temos uma formação sintomática na qual há uma cristalização da posição do sujeito numa relação de exclusividade com a droga. Uma relação que não permite mediações. Há brechas nas quais um terceiro consegue intermediar a relação exclusiva com a droga, mas, geralmente, em algum momento essa intermediação é destituída, voltando, o sujeito, à relação de exclusividade.

A partir dessa dificuldade, é possível compreender a leitura realizada pelos profissionais que justificam a impossibilidade da psicanálise, em função de os toxicômanos não entrarem em transferência. Nesses casos, não haveria outra relação possível a não ser com a droga.

No entanto, somos levados a perguntar, qual é o lugar desde o qual esses profissionais falam? Qual a sua aposta em relação aos sujeitos toxicômanos? Sabemos que propor uma relação transferencial na qual temos um saber prévio – o da incurabilidade da doença ou da falência da relação transferencial – é indicador de fracasso dessa relação.

Alguns recortes de casos nos permitirão continuar discutindo as questões até aqui propostas, as quais podem ser resumidas da seguinte forma:

- se a cura não se restringe à abstinência – de que cura falamos?
- se não se trata de dependência química, de que se trata?
- quais as possibilidades transferenciais, incluindo aí o lugar do analista?

#### DADO

Dado é um adolescente a quem escuto em função de um uso de maconha que interferia na sua vida escolar. Numa espécie de conto quase infantil apresenta a “heroína maconha”, que o auxiliou a realizar seus afazeres escolares, por deixá-lo calmo. A partir do seu contato com ela, extinguiram-se as frequentes reclamações da escola em relação à disciplina. A escola é um lugar muito prezado pelos pais, no qual a maconha funcionou como remédio. A maconha é comparada com outra personagem bem conhecida nessa história – a mãe – ela sim *é um porre* (sic). Aos poucos o remédio encontrado vai se tornando veneno. Uma sucessão de lembranças o conduz ao momento em que decidiu parar com o uso de outra droga: a cocaína. Ela não era sua amiga, o levou a se desfazer de uma roupa de grife. Relaciona-se também com as colas, as quais são abandonadas pelos efeitos desagradáveis que produzem.

Num determinado momento de seu tratamento pergunta-se: “sou viciado?” O caminho percorrido para responder a essa pergunta inicia reconhecendo-se viciado, colando-se aí às palavras da mãe. Num momento posterior, diferencia o “vício” do “uso” e pergunta-se pela capacidade de as drogas tornarem uma pessoa ruim, como sua mãe afirmava. Responde: “se a pessoa tem o coração ruim as drogas o deixam ruim, se o coração é bom, elas não podem deixá-lo ruim”. Finalmente, conclui que é “de um viciado de de manhã” porque ele só precisa da maconha nesse período do dia. Notando que em alguns momentos sua “companheira” o impede de fazer suas atividades cotidianas, resolve dela separar-se e a abandona. Depois de um longo período sente saudades e resolve: “gosto de fumar, me dá prazer” e reencontra-se com a maconha só em momentos festivos.

Dado passa por diferentes posições na sua relação com as drogas. A maconha é a droga escolhida, escolha essa não-casual, já que se trata de

efetuar uma travessia adolescente. A cocaína e as colas não o auxiliaram nessa travessia. Trata-se de “viajar” de sua condição infantil para a condição adulta. A polissemia da palavra “viagem” o remete tanto a uma brincadeira que realizava quando criança quanto à “viagem” propiciada pelo efeito da maconha. A viagem a que agora se propõe implica uma mudança de posição para a qual precisou do auxílio dessa droga no lugar onde o auxílio simbólico falhou. Dois sonhos, apresentados como uma repetição, marcam a passagem de sua posição de sujeito em relação às drogas, tomadas na sua dimensão tóxica. No primeiro sonho, produzido num momento de abandono das drogas, Dado via-se fumando maconha e angustiava-se porque tinha o propósito de abstinência, justificado por não poder fumar. O segundo sonho é igual ao primeiro com a diferença de que a justificativa da angústia era ter esquecido de que tinha se proposto a parar de fumar. Associa o não poder fumar do primeiro sonho a uma proibição parental da qual ele não tinha se apropriado. O segundo sonho apresenta um esquecimento que aponta para a passagem da posição infantil de “receber” os mandatos parentais para a posição de maior autonomia, após o questionamento dos mandatos.

Temos aqui um relato de cura que não implicou abstinência, mas, sim, mudança na posição subjetiva. Há, no entanto, algumas toxicomanias que se constroem, como já mencionamos, numa relação de exclusividade com a droga, o que não é o caso de Dado. Nestas, o sintoma não apresenta um endereçamento ao Outro, mas trata-se de sua exclusão, permanecendo o corpo num circuito dual com a droga que estabelece uma relação de necessidade.

#### MORFEU

Morfeu tem 25 anos e frequenta durante nove meses uma clínica para tratar sua toxicomania. Nove meses de gestação de um sujeito que tem na morte um traço de identificação. Morfeu procura tratamento após o resultado positivo do teste de HIV. Adquiriu o vírus compartilhando seringas. O nome aqui escolhido para apresentá-lo deixa transparecer a aposta para que as sucessivas mortes se transformem em sonhos. A construção de sua toxicomania dá-se a partir do imperativo de morte que o atravessa, da falta de um olhar primordial de amparo materno e da tênue inscrição do Nome-do-Pai. O início do uso de drogas deu-se entre amigos, os quais reconheciam-no como um igual, já que sua mãe parecia não vê-lo. No *après-coup* adolescente, Morfeu encontra a imagem especular que se apaga. A imagem materna que lhe indica não haver lugar para todos os filhos e o pai que não lhe apresenta a possibilidade de um lugar diferente daquele do desejo materno. Não encontra significantes para revestir seu corpo e retorna ao imperativo de morte a cada

movimento vital que tenta realizar. Abandona as relações amorosas e os trabalhos nos momentos em que estes se encaminham pela via de sucesso.

O ingresso no tratamento provocou algumas resistências relativas à inserção de outros, na sua relação tóxica com a droga. Foi o HIV – na sua referência à morte – que lhe possibilitou a virada. “Foi aprofundando-se no assunto HIV”, segundo suas palavras, que descobriu a possibilidades de ter uma vida normal. Morfeu precisa manter-se em abstinência e faz disso sua batalha. Ao mesmo tempo, passa a ressignificar sua relação tóxica com as drogas. A possibilidade de falar deslocando a ênfase da droga para questões relativas a suas relações viabiliza o abandono das freqüentes passagens ao ato e permite-lhe sonhar com a droga. Para controlar suas *tentações* utiliza-se de vários recursos ao seu alcance: os grupos de auto-ajuda e a religião. Nesse momento associa o tóxico a sua mãe. O sintoma passa a ser endereçado ao Outro. Ele escreve após uma discussão com a mãe: “neste dia quase usei drogas, mas tive pela primeira vez a capacidade de refletir, descobrindo que o fato de usar drogas seria um modo de agredir a minha mãe, porém, percebi que o maior prejudicado seria eu, e assim, *podí*<sup>1</sup> eu tomar a atitude de não fazer nada que piorasse as coisas”<sup>2</sup>.

Destaco, nesse trecho, o sonho e a alusão à capacidade de reflexão como a possibilidade simbólica num circuito que, em outros momentos, priorizou o real do corpo. E, ainda, a conjugação do verbo poder na primeira pessoa – *podí* – lembrando a conjugação de algumas crianças nas suas primeiras incursões pela língua. Assim, Morfeu retoma suas incursões num mundo simbólico no qual não precisa colar-se ao desejo materno, apresentado na sua negatividade, vendo no horizonte a possibilidade de andar sem precisar morrer a cada conquista.

Pergunto, então: seria possível esse deslocamento se, na relação transferencial, a equipe de terapeutas do local de tratamento tivesse colocado, a priori, o saber relativo à incurabilidade da doença, traduzido na falta de aposta da possibilidade de mudança da posição do sujeito? Não se estaria aí repetindo o olhar materno, que apontava para a morte, entendida enquanto morte da possibilidade de surgimento do sujeito?

Dando ênfase, então, às questões do sujeito, nos afastamos do paradigma da dependência química para considerar a relação do sujeito com o tóxico na definição das toxicomanias. Além disso, não podemos considerar

<sup>1</sup> Manteve-se aqui a grafia do paciente.

<sup>2</sup> Os grifos são de minha autoria objetivando destacar os termos escutados como movimentos do sujeito.

qualquer ingestão de drogas como toxicomania. Concordamos com a tese de Le Poulichet, segundo a qual as toxicomanias se constroem enquanto sintoma quando o sujeito entra numa relação tóxica com as drogas, isto é, quando o consumo de drogas passa ser solução para os conflitos psíquicos.

Encontramos, ainda, diferentes formas de relação tóxica. Como vimos nos recortes apresentados, em alguns casos o sintoma toxicomaniaco se constrói num endereçamento ao Outro e, em outros casos, há uma pretensão ilusória de exclusão do Outro.

Seja numa, seja em outra forma de relação, o processo de cura deverá apostar na mudança da posição subjetiva. Como citei anteriormente, no caso de Dado, a cura não incluiu o pressuposto da abstinência; já no caso de Morfeu, a abstinência foi sua proposta. Há ainda casos nos quais apresenta-se a abstinência sem haver mudanças na posição do sujeito em relação à droga. Nestes há uma redução dos danos relativos à saúde, mas, muitas vezes, a posição subjetiva mantém-se a mesma.

Não estou aqui propondo a desvalorização de modalidades de tratamento – como os grupos de auto-ajuda, tratamentos religiosos, tratamentos de substituição – mas salientando a necessidade de que estes possam estar aliados à escuta do inconsciente. Uma escuta que não se dirija à química, mas ao sujeito. É esta uma das maiores contribuições da psicanálise à cura das toxicomanias, direção já apontada por Freud, mas esquecida por muitos psicanalistas.

Finalmente, detenhamos-nos em algumas especificidades da transferência e do lugar do analista que as toxicomanias nos apresentam, por ser um sintoma que se constrói colocando o objeto de satisfação no lugar da palavra – nossa ferramenta de trabalho.

Não é raro que a demanda de tratamento seja intermediada pelos familiares, amigos, colegas de trabalho, dentre outros. São estes, muitas vezes, que precisam decifrar o pedido de auxílio nas passagens ao ato e são estes os encarregados de abrir brechas para a demanda, ou seja, o endereçamento do pedido de tratamento em outra direção que não a da droga.

A solicitação de tratamento constitui o primeiro tempo da demanda, demanda essa que precisa ser cavocada a partir de brechas mínimas do pedido inicial. Brechas apresentadas pelos momentos nos quais a paixão pelo tóxico fracassa. Os sujeitos chegam ao tratamento aparentemente sem ter outra coisa a dizer a não ser de suas peripécias com as drogas. É o primeiro tempo do endereçamento transferencial, no qual parecem testar a capacidade do analista de suportar escutar as palavras tóxicas, isto é, palavras que se assemelham à passagem ao ato, destituídas da possibilidade de *après-coup* do dizer (Le Poulichet, 1990).

Suportar esse primeiro tempo da transferência, no qual o analista é colocado no lugar do tóxico, é essencial para que em outro momento possa ser situado no lugar de endereçamento simbólico. A posição silenciosa, neste momento, poderá reforçar a posição de entrega ao outro, induzindo o sujeito ao descrédito da mediação simbólica da palavra.

Lembremos, no entanto, o ensino freudiano, situando a abstinência do lado do analista. Abster-se de indicar qual a melhor saída para o sujeito. Por isso, mesmo que, em alguns momentos, a direção da cura requeira a positividade do analista, esta não significa indicações de abstinência ou de não-abstinência, mas da escuta do desejo inconsciente.

#### REFERÊNCIAS

Le Poulichet, Sylvie. *Toxicomanias y psicoanálisis; las narcosis del deseo*. Traduzido por J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. Original publicado em 1987.